

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia

Júlio Pemba Vumbi

A influência da obra de Vasco Vieira da Costa na afirmação da Arquitetura Moderna
em Angola

São Paulo, 2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia

Júlio Pemba Vumbi

A influência da obra de Vasco Vieira da Costa na afirmação da Arquitetura Moderna
em Angola

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História da Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Roxo Beltran.

São Paulo, 2024

FOLHA DA APROVAÇÃO

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento: 88887630899/2021-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Finance Code: 88887630899/2021-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sua bondade e misericórdia em mim, por me ter guardado ao longo destes anos que me encontro no Brasil, sem a sua mão talvez não me encontrasse mais neste mundo. Mas graças à Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Coríntios 15:57).

Ao meu pai que em vida se chamou Eugênio Vumbi, que muito sonhava em ver um dos seus filhos formado.

À minha querida e amável mãe, Maria Pemba, que mesmo à distância, sempre se fez presente com os seus ensinamentos, me direcionando a permanecer nos ensinamentos de Jesus, a ela, minha eterna gratidão por tudo.

Aos meus irmãos em particular, Carlos Maria Vumbi, pela sua visão educacional desde cedo, ao me iluminar e mostra que o caminho para vencer os obstáculos sendo de uma família pobre era a educação. A este, minha eterna gratidão por todo apoio prestado em todos os setores da minha vida.

Aos meus amigos e colegas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

À minha querida e amada amiga Daphne Carvalho, que o Brasil me presenteou, pela sua profunda colaboração neste trabalho. Serei eternamente grato.

À Profa. Dra. Maria Helena Roxo Beltran pela atenção e paciência que teve em me dirigir durante a jornada desta pesquisa, minha eterna gratidão.

Aos ilustres convidados da banca examinador, meu profundo agradecimento por terem aceita este convite.

Aos funcionários da Biblioteca da PUC, FAU-USP, Biblioteca Mario de Andrade, do SESC24 de Maio e da UNIP, pela paciência e dedicação no atendimento ao público.

RESUMO

Esta dissertação tem como peculiaridade mostrar a participação de Vasco Vieira da Costa (1911-1982) no processo de construção de uma arquitetura identitária e modernista em Angola, concretamente na cidade capital de Luanda, na projeção de diversos projetos de urbanização, assim como sua trajetória como autor da primeira obra considerada na época como elemento vivo do surgimento do movimento moderno em Angola.

Necessário destacarmos que, o fim da Segunda Guerra Mundial, vai marcar o período em que as indústrias vão introduzir uma nova literatura no uso dos materiais e sua maneira de se produzir e explorar, favorecendo o nascimento de novas ideias e uso de materiais estéticos na construção.

Por meio de estudos exploratórios feitos ao longo da pesquisa, procurou-se também compreender que o arquiteto Vieira da Costa teve um papel preponderante na contribuição do surgimento do primeiro curso de arquitetura em Angola. O surgimento desse ramo, veio permitir uma distinção entre Engenheiro Civil assim como o Arquiteto, já que no passado eram ambos eram tidos como Engenheiro Civil.

Palavras-chave: História da Ciência, Arquitetura Moderna, Angola, Vasco Vieira da Costa

ABSTRACT

This dissertation has the peculiarity of showing the participation of Vasco Vieira da Costa (1911-1982) in the process of building an identity and modernist architecture in Angola, specifically in the capital city of Luanda, in the projection of several urbanization projects, as well as his trajectory as author of the first work considered at the time as a living element in the emergence of the modern movement in Angola.

It is necessary to highlight that the end of the Second World War will mark the period in which industries will introduce a new literature on the use of materials and their way of producing and exploring, favoring the birth of new ideas and the use of aesthetic materials in construction.

Through exploratory studies carried out throughout the research, we also sought to understand that the architect Vieira da Costa played a leading role in contributing to the emergence of the first architecture course in Angola. The emergence of this branch allowed a distinction between Civil Engineer and Architect, since in the past they were both considered Civil Engineer.

Keywords: History of Science, Modern Architecture, Angola, Vasco Vieira da Costa.

LISTA DE FIGURAS.

Figura 1- Capa da Revista Arquitetura	25
Figura 2- Perspectiva feita a mão livre com uma planta baixa	27
Figura 3 - Mapa do perímetro da cidade de Luanda 1626	31
Figura 4 - Mapa da cidade de Luanda 1647	32
Figura 6 - Sobreposição do Mapa de Luanda de 1647 na de 1775	33
Figura 7 – Vista da cidade de Luanda em 1775	34
Figura 8 - Planta topográfica do Porto da cidade de Luanda 1757	34
Figura 9 - Mapa de cidade de Luanda 1665	35
Figura 10- Desenho da planta de Luanda 1862	36
Figura 11- Desenho do edifício da Auspicio de Santo António dos Frades	39
Figura 11- Liceu Nacional Salvador Correia-Luanda	40
Figura 12- Fortaleza de São Miguel, a primeira obra da arquitetura militar em Angola	41
Figura 13- Fortaleza de São Miguel, decoração de interior com Azulejos Portugueses	42
Figura 14 - Fortaleza de São Pedro da Barra-Luanda	44
Figura 15 - Fortaleza de São Pedro da Barra, Vista de Frente ao Oceano Atlântico-Luanda	44
Figura 16 – interna com a parte do forte	45
Figura 17 - Fortaleza de São Francisco do Penedo-Luanda	47
Figura 18- Fortaleza de São Francisco do Penedo, em estado de destruição	47
Figura 19- Fortaleza de São Francisco do Penedo, restaurado -Luanda-	47
Figura 20 - Primeira Sé Catedral da Nossa Senhora da Conceição (Luanda)	49

Figura 21- Interior da Sé Catedral da cidade de Luanda	50
Figura 22 Interior da Sé Catedral da Cidade de Luanda	51
Figura 23- Igreja da Nossa Senhor do Carmo	52
Figura 24 - Igreja da Nossa Senhora do Carmo- Pintura Branca	53
Figura 25 - Igreja da Nossa Senhora do Carmo- Pintura Rosa	53
Figura 26- Altar Barroco com nossa senhora do Monte Carmelo	54
Figura 27- Igreja da Nossa Senhora do Cabo	55
Figura 28- Interior da Igreja da Nossa Senhora do Cabo	55
Figura 29- Igreja de Jesus na cidade de Luanda	56
<i>Figura 30 - Palácio Presidencial de Luanda</i>	<i>57</i>
Figura 31- Edifício na Rua Frederick Engels	59
Figura 32- Museu da Antropologia na Rua Frederick Engels	59
Figura 33- Edifício colonial na Rua Frederick Engels	60
Figura 34- Casa no Largo Matadi com elementos decorativos na fachada	60
Figura 35- Casa com quatro águas na Rua Francisco das Necessidades	61
Figura 36- Sobrado de um andar na Rua Pedro Felix Machado	61
Figura 37- Vista superior do Palácio do Governo de Angola	62
Figura 38- Vista frontal do Palácio de Angola	62
Figura 39- Vista Geral do Palácio de Angola	63
Figura 40- Palácio Dona Ana Joaquina, na Rua Direita-Luanda	63
Figura 41 - Palácio de Ferro de Luanda na Rua Direita de Luanda	64
Figura 42- Instituto do Patrimônio Cultural na Rua Direita	64
Figura 43- Instituto de Formação Bancária de Angola	65
Figura 44- Jornal de Angola na Rua Rainha N'zinga	65
Figura 45- Alfândega de Angola na Rua da Alfândega	66

Figura 46 -Hospital D. Maria Pia na Rua do Primeiro Congresso do MPLA	66
Figura 47- Sobrado de Abílio de Albuquerque na Rua Direita de Luanda	67
Figura 48 -Sobrado na Rua Direito estilo Clássico	67
Figura 49- Sobrado Baleizão na Rua Rainha N'ginga	68
Figura 50- Subúrbio de Hampstead Garden-Londres	70
Figura 51- Vista do subúrbio de Hampstead Garden-Londres	70
Figura 52- MASP- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand	71
Figura 53- Sede da Bacardi em Cuba	72
Figura 54- Cidade de Brasília	73
Figura 55 -Arco do Triunfo-Barcelona	73
Figura 56- Avenida Las Ramblas-Barcelona	74
Figura 57- Praça no centro da Cidade do Cabo-África do Sul	74
Figura 58- Casas coloridas na Cidade do Cabo-África do Sul	75
Figura 59- Park Avenue - Nova York	75
Figura 60 - Wall Street- Nova York	76
Figura 61 – Jin'an temple- Shanghai, China	76
Figura 62 – Rua comercial em Shanghai, China	77
Figura 63- Feira de Exposição de Angola 1938	80
<i>Figura 64 - Feira de Exposição de Angola 1938</i>	<i>81</i>
<i>Figura 65 - Unité d'habitation em Marselha</i>	<i>83</i>
Figura 66 - Unité d'habitation em Marselha-Fase de construção (1945-1952)	84
Figura 67 - Planta das unidades habitacionais (1945-1952)	85

Figura 68- Vista em Corte das unidades habitacionais	85
Figura 69 - Fachada principal	86
Figura 70 - Interior das unidades (apartamento)	86
Figura 71- Vasco Vieira da Costa e sua esposa Barbara Gratz	87
Figura 72 - Le Corbusier e André Wongensky	87
Figura 73 - Cartas digitalizadas	91
Figura 74 - Cartas digitalizadas	92
Figura 75 - Cartas digitalizadas	93
Figura 76-Largo Kinaxixe-Luanda	95
Figura 77- Ruas de Luanda	95
Figura 78- Planta do Piso térreo do Mercado Kinaxixe	97
Figura 79- Planta do Piso intermediário	97
Figura 80- Piso do Mercado com galerias	99
Figura 81-Piso de Cobertura	99
Figura 82 -Piso Térreo com galerias	100
Figura 83-Vista geral do antigo mercado	100
Figura 84 -Brises do Mercado	93
Figura 85 – Painel perfurado	104
Figura 86 - Ambiente com diferentes tipos de rendimento solar	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	17
1.1 ÉPOCA COLONIAL	17
1.2 GERAÇÃO DOS JOVENS ARQUITETOS PORTUGUESES EM ÁFRICA.....	22
1.3 LUANDA: CRESCIMENTO URBANO E ARQUITETURA.....	28
1.4 A ARQUITETURA DO SÉCULO XVI EM ANGOLA.....	37
1.5 ARQUITETURA DENOMINADA MILITAR	40
1.6 ARQUITETURA DENOMINADA RELIGIOSA.....	48
1.7 ARQUITETURA DENOMINADA CIVIL.....	57
CAPÍTULO 2	69
2.1 O PERÍODO DO MOVIMENTO MODERNISTA NO MUNDO.....	69
2.2 O PERÍODO DO MOVIMENTO MODERNISTA EM ANGOLA	77
2.3 VASCO VIEIRA E A ARQUITETURA EM ANGOLA	79
2.4 VASCO VIEIRA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA EM ANGOLA	88
2.5 UM PROJETO MODERNO ‘O MERCADO DO KINAXIXE’	94
2.6 PROJETO ARQUITETÔNICO.....	96
2.7 TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E O PROCESSO DE ILUMINAÇÃO.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
BIBLIOGRAFIA.....	108

INTRODUÇÃO

Angola é um país localizado na região da costa ocidental do continente Africano tendo como limites físicos e territoriais ao Norte, as República do Congo e a República Democrática do Congo ou Zaire; ao Leste, a República Democrática do Congo e a Zâmbia; ao Sul, a República da Namíbia e, a Oeste, o Oceano Atlântico. Salienta-se que essas características lhe foram conferidas em 1926, e prevalecem até hoje, como sendo os limites do país.

A chegada dos portugueses em Angola deu-se no ano de 1482, junto à foz do Rio Zaire, e em seguida, na ilha de Luanda, em 11 de fevereiro de 1575. Ambas as viagens foram comandadas pelos capitães Diogo Cão e Paulo Dias de Novais, que estabeleceram as primeiras relações de cordialidade e de diálogo entre os portugueses e o Reino do Kongo.

As primeiras comunidades portuguesas em Angola eram constituídas em número muito menor e seu crescimento deu-se com a chegada de Paulo Dias de Novais à ilha de Luanda com padres jesuítas, homens de armas e de outras profissões. Depois que Paulo Dias e sua comitiva deixaram a ilha em direção ao local hoje chamado Luanda, começaram a se estabelecer as primeiras ocupações portuguesas no território angolano, com a construção de enclaves, portos e sobrados na costa atlântica.

As construções típicas da cidade de Luanda têm a sua herança no patrimônio de origem portuguesa. As fortalezas, os sobrados, e as casas, foram as primeiras edificações e tem sido preservada pelas instituições públicas.

Essas edificações estão localizadas na cidade baixa e alta de Luanda, com a sua topografia diferenciada e foram feitas entre os séculos XVI e final do século XX.

Por volta do século XVII verificou-se a existência de tentativas de embelezamento da cidade de Luanda por parte das autoridades locais. Contudo, somente em 1940 que esses processos de melhoramento passaram a entrar em execução. Mas, a cidade passou a receber investimentos privados nos finais do século XVII e sobretudo no XVIII. Porém, só depois da Segunda Guerra mundial, com o desenvolvimento da malha ferroviária, vias de comunicação, transporte aéreo,

agricultura, indústria e ensino que foram realizados alguns dos melhoramentos pretendidos.

De fato, arquivos históricos demonstram que o desenvolvimento das características urbanísticas em Angola permaneceu estático por muitos anos e que somente após 1940, com a implementação dos princípios urbanísticos propostos pela carta de Atenas, iniciou-se o desenvolvimento da então colônia Angola, o que possibilitou o surgimento mais intenso de novas cidades e adequação aos novos modos de vida. A fase de desenvolvimento teve seu início com o primeiro plano urbanístico de 1942 e da Lei das Edificações Urbanas de 1951¹.

Outra perspectiva do fenômeno urbano pode ser obtida quando se considera o número de cidades e a evolução da população, tendo em conta que, segundo a tradição portuguesa, uma “cidade” será uma aglomeração urbana sede de distrito administrativo ou aquela a que o governo concede tal título e diploma por motivo de importância regional, económica e demográfica, que venha a adquirir².

Passados alguns anos, sob custódia da administração e do governo português, a cidade de Luanda foi adquirindo gradualmente suas características com um traçado urbano planejado, algo inédito, graças ao trabalho em equipe e por meio de muitos estudos e planos urbanísticos. Apesar de ter existido a elaboração de planos de desenvolvimento urbanísticos neste período, é importante afirmar que nenhum deles foi totalmente viabilizado imediatamente a partir de 1942³, quando foi criado o primeiro Plano Diretor para a cidade de Luanda, realizado por David Moreira da Silva e Ettiéne de Groer.

Por meio do histórico apresentado sobre a configuração e do desenvolvimento das características do traçado urbano da cidade de Luanda, esta dissertação pretende analisar e estudar a influência da obra de Vasco Vieira da Costa na afirmação da arquitetura moderna em Angola, nos apoiando com trabalhos e textos já produzidos, procurando de maneira cautelosa identificar projetos e princípios técnicos modernos, usados por ele na construção do Mercado de Kinaxixi e outras obras.

¹ Luanda foi a primeira cidade criada no período da ocupação colonial portuguesa.

² Amaral, “Urbanização em Angola”, -44-45.

³ Quase 323 anos da ocupação forçada e ilegal do território Angolano pelos Portugueses, em 1940 só existiam 8 cidades. Em 1960, esse número havia sido ampliado para 16 cidades.

Deste modo, ao percorrermos e projetarmos os passos dados por Vasco Vieira da Costa, desde a sua formação na Escola de Belas Artes do Porto até o seu estágio no ateliê do Le Corbusier na França, notou-se sua preocupação em definir as matrizes do movimento moderno em Angola, mostrando a intenção de trazer um raciocínio no novo estilo de projetar. Apesar do edifício do mercado tenha sido demolido e dado lugar a um outro elemento, o Mercado de Kinaxixi teve sua relevância entre os jovens arquitetos que se espelhavam como referência na construção e estruturação de novos edifícios modernos que foram surgindo no território Angola.

Claramente ao projetar a obra do mercado, o jovem arquiteto Vasco Vieira, levou em conta aspectos importantes na elaboração do edifício. Sua primeira preocupação foi perceber que Luanda situa próximo da linha do Equador, o que lhe levou a considerar de maneira inteligente a solução que resolvesse o problema tanto da ventilação, quanto da iluminação.

O uso de novos materiais de construção, como o ferro, o concreto, vão revolucionar e dar um dinamismo visual na aparência dos edifícios. Surgem soluções de revestimentos para elementos de grande porte, Vasco via usar muitos desses elementos como soluções para impedir que os raios solares tivessem uma inserção direta nos ambientes. Foram instalados brises em algumas fachadas do mercado no perfil horizontal.

Do outro lado, Vieira também apresentava uma preocupação com a falta de uma instituição de ensino de arquitetura no país, ele se incomodava pelo fato, dos engenheiros civis terem a mesma comparação com arquiteto. Foi assim que surge uma oportunidade de montar uma equipe, para criar e fundar aquele que viria a ser o primeiro curso de arquitetura e urbanismo em Angola. Sua preocupação em separar as responsabilidades entre o arquiteto e engenheiro marca também o Vieira como grande patrono do ensino de arquitetura em Angola.

Para abarcar tal percurso de Vasco Vieira da Costa, esta dissertação foi estruturada em dois capítulos. No primeiro, apresentamos os problemas que estavam no centro das investidas feitas pelo Governo de Lisboa nas Províncias Ultramar, partindo desde os primeiros contatos dos navegadores portugueses junto ao Reino do Congo, assim como, os surgimentos das primeiras vilas na cidade de Luanda até as

mudanças que foram ocorrendo ao longo dos anos. Isso tem como um dos elementos influenciadores dessas mudanças de local, a sua topografia e o direcionamento dos ventos. O sonho de uma geração de arquitetos, que depois de terem concluído seus estudos no estúdio de Le Corbousier, vão ver nas terras africanas a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

Abordamos também sobre os tipos de arquitetura, desde o tipo religioso ao da arquitetura militar, esse último foi muito presente na época da disputa das terras africana pelas invasões europeias.

Já no segundo capítulo, realçamos a arquitetura moderna, seus primeiros passos em Angola, assim como, sua influência no surgimento de novos estilos arquitetônico pelo mundo e no território nacional. Neste capítulo, nos concentramos na obra do arquiteto Vasco Vieira da Costa, sua importância para formação de outros profissionais que vão ver nas suas obras a oportunidade de incorporar o uso de novos materiais na construção, assim como o projeto do mercado Kinaxixi, obra tida como primeiro projeto modernista projetado por Vasco Vieira. Apresentamos também sua participação como elemento fundamental na criação do Curso de Arquitetura na Universidade de Angola.

CAPÍTULO 1

1.1 ÉPOCA COLONIAL

A arquitetura colonial e o urbanismo no continente africano foram definidos por duas linhas distintas de ocupação impostas ao continente pelos colonialistas portugueses, especialmente nas áreas sob sua jurisdição.

Os primeiros povoamentos surgiram nas regiões costeiras e ribeirinhas durante os séculos XV e meados do século XVI, estendendo-se posteriormente às províncias de Cabo Verde e Angola nos séculos entre XVI e XVII, às ilhas de Moçambique, Zambeze e Sofala no século XVIII. Esta ocupação e crescimento dava-se de forma gradual, graças a investimentos pontuais.

O século XIX é famoso por documentar o processo de segundas ocupações assentes em fortes investimentos urbanos, através da expansão e construção de núcleos, que conduziram à instalação de novos povoados com grandes infraestruturas, como a construção de redes ferroviárias e portos.

O objetivo político de realizar esses investimentos e projetos de melhoria é apropriar-se das fronteiras regionais e projetar seu poder e interesses nessas áreas de alguma forma para o resto do mundo, já que nesta fase o continente africano estava sendo ocupado por potências globais.

Em 1822, D. Pedro I proclamou a independência do Brasil, o que deu ao governo português certo incremento nos interesses de suas colônias no continente africano. Nesse período a política colonial foi acionada para estimular o seu desenvolvimento. Esses mecanismos estão associados ao estabelecimento de novas políticas relacionadas ao desenvolvimento do comércio, tributação de bens e transportes em países ao redor do mundo.

Entre o novo conjunto de notas e ferramentas usadas para desenvolvê-lo, uma delas é uma exploração dos países africanos sob domínio português dentro dos limites de um dos mecanismos de desenvolvimento regional de Portugal.

Entre 1910 e 1926, estes processos conexos na balança de pagamentos de Portugal terminaram gradualmente, ou seja, durante o regime democrático, a

colocação das suas províncias em África e o enfraquecimento do orçamento na metrópole estiveram diretamente ligados ao fim da tributação de produtos e mercadorias originários desta região.

Quatro fatores contribuíram para este resultado. Em primeiro lugar, a guerra contra o poder indígena na Guiné, em Angola e em Moçambique intensificou-se até 1926, quando teve lugar o último conflito importante nas colónias. Em segundo lugar, a autonomia concedida aos altos-comissários levou ao aumento das despesas de investimento colonial, uma política que era apoiada por Lisboa, porque se acreditava que as colónias necessitavam de infraestruturas para as tornar rentáveis e menos propensas à guerra. Em terceiro lugar, no que diz respeito ao tipo de produtos primários exportados pelas colónias portuguesas, foi particularmente forte o impacto negativo da Primeira Guerra Mundial nos mercados internacionais. Por fim, a forma como Portugal financiou a guerra provocou uma inflação elevada e perturbações nas finanças públicas, tanto na metrópole como nas colónias⁴.

Em 1932, António de Oliveira Salazar assumiu a presidência do Conselho de Ministros, redigindo e adotando uma nova constituição destinada a promover o renascimento do império colonial português.

Sendo as suas colónias consideradas uma fonte de rendimento para o desenvolvimento dos mercados económicos portugueses, o regime preocupava-se em proteger esses mercados.

Ao contribuírem para saldar as dívidas externas do país, possibilitaram o crescimento da economia, facilitando a sua governação, o que constituiu uma forte motivação para as políticas de desenvolvimento ultramarino⁵.

Assim, com a chegada da nova constituição, seu objetivo era definir um regime colonial que criasse um certo desequilíbrio comercial e financeiro entre as corporações coloniais e Portugal, e direcionasse à exportação de divisas dos países coloniais para a capital.

O mercado africano era considerado o mais importante setor de exportação de Portugal e, como resultado, a indústria portuguesa crescia em ritmo acelerado, consumindo as matérias-primas mais importantes da colônia, como tecidos fibrosos e óleos industriais.

^{4,5} Lains, 484.

A administração colonial foi enfraquecida de modo que todo o sistema ficou sob o controle estratégico de Lisboa, o que era um meio de criar equilíbrio financeiro no império.

Durante este período, o Estado Novo pretende, no seu programa de trabalho, concretizar vários acordos para consolidar ou abrir a sua localização e estabilidade política em áreas de povoamento e áreas de domínio, bem como assegurar o seu crescimento e boa organização

A criação de condições em centros provinciais e serviços públicos no estrangeiro foi acompanhada pela construção de centros de ensino e investigação, departamentos locais de urbanismo e construção, bem como pela criação de grupos empresariais constituídos maioritariamente por arquitetos formados.

É interessante para o regime que os projetos em suas colônias utilizem uma linguagem que preserve as características técnicas das colônias, ao invés de uma linguagem de cunho estratégico.

Para eles, a arquitetura deveria representar o espírito do povo colonial. Através da expressão arquitetônica, a espiritualidade expressaria o conceito de restauração cultural do novo país, incluindo o campo e o império, a partir do retorno à essência histórica do país, criando assim uma abordagem para reproduzir uma nova linguagem arquitetônica.

A “política de espírito” tende a repor uma certa história, balizada entre um Império e um Portugal rural, folclórico, entendido na sua superficialidade da sua doçura como virtude de resistência à degeneração dos tempos modernos. E procurando exaltar a mais profunda “alma” portuguesa, ancora as referências culturais num pátrio passado heroico mitificando sem tempo esse Portugal grande, Imperial⁶.

Assim, em 1944 foi criado o Gabinete de Urbanização Colonial (GUC) pelo então secretário da Colônia Marcelo Caetano, que vai cuidar e se responsabilizar pelo planejamento e execução de projeto de grande envergadura de infraestruturas construídas nas colônias durante os períodos de 1944 e 1974, com intuito de servir como instrumento que evitasse o crescimento urbano desordenado por meio de mecanismo de controle e estudos, acompanhado de desenvolvimento de

⁶ Tostões, “Arquitectura Portuguesa: os Três Modos”, 118.

adensamentos populacionais, fazendo, assim, uso de instrumentos urbanísticos e conhecimentos territoriais a sua disposição.

Ressalte-se que, no início de suas atividades, o escritório não era rico em conhecimento técnico e profissional em sua área de atuação, e a falta de corpo técnico nacional com conhecimento efetivo e suficiente foi um fator para a contratação de arquitetos estrangeiros pelo escritório.

Após o fim da Segunda Guerra e o estabelecimento da democratização em alguns países europeus, os cidadãos portugueses desenvolveram uma certa desconfiança e insatisfação com o regime de Salazar durante este período. O despertar popular e a oposição ao regime provocaram muitas mudanças no cenário político, social e cultural do país.

Por sua vez, o Estado Novo, no exercício das suas funções, estabelecerá regras destinadas a reforçar e consolidar a sua posição face ao descontentamento do povo português, através da máquina de propaganda e do exercício do poder sob o controlo do governo e sua política cultural reflete-se em todo o universo português.

Com a projeção e a imposição decretada pelo Estado Novo, nasce o clima de anormalidade, sendo retardadas quaisquer intenções de propagar a fase modernista que de maneira conceituada foi ganhando seu espaço, inclusive por meio de iniciativas de Vasco Vieira da Costa.

Duarte Pacheco (1900-1943) e António Ferro (1895-1956) argumentavam que, o crescente do nacionalismo, que agora era reforçado pelos discursos oficiais de Salazar, era incompatível com o internacionalismo e as ideias progressistas do movimento moderno europeu⁷.

O regime não gostou da chegada do movimento modernista e das suas correntes artísticas inovadoras que avançaram na estrutura política portuguesa da época.

⁷ Tostões, “Arquitectura Portuguesa: os Três Modos”, 177

Esta tendência teve dificuldade em afirmar e concretizar os seus ideais progressistas, criando uma espécie de mal-estar e um clima cultural muito atrasado, fechado e malvisto.

Para o sistema era necessário preservar o modelo da arquitetura portuguesa do pós-guerra, alicerçado em modelos e teorias históricas, regionais e clássicas, consideradas correntes idealistas porque contavam com o apoio do Estado e eram autossuficientes, produzidas majoritariamente por arquitetos e construtores.

Para Marcelo Caetano, o patrimônio arquitetônico português produzido em Lisboa caracteriza-se pela reprodução de projetos da colônia que deveriam refletir um aspecto igualmente português. Como razão para esta ideia, nasce a sede da GUC como um espaço privado onde se expressam "doutrina e estilo", que depois são transmitidos pela Colônia mediante estruturas menores⁸.

Porém, por outra parte, durante a realização do I Congresso Nacional de Arquitetura, isto é, em 1948, João Simões (1908-1993), demonstrou a sua lamentação na inexistência de uma identidade na produção arquitetônica ultramarina, que ele chama de "uma arquitetura funcional, bem resolvida que fosse possível chamar-se nossa arquitetura colonial"⁹.

Assim, a arquitetura construída e executada pela GUC em Lisboa passa por um novo capítulo, com obras de projetos de arquitetura cada vez maiores, face à execução urbana.

No entanto, a visão executiva do projeto está direta e intimamente ligada ao regime salazarista, que deriva de intervenções externas e expande a sua expressão para um estilo próprio dos portugueses.

O período de 1959 também é conhecido como o período de transição dos técnicos do GUU. Desamparados, a aparência formal de seus projetos nas principais cidades das províncias ultramarinas muda gradualmente.

Durante o período domínio português sobre as terras ocupadas no continente africano, Angola foi considerada um importante investimento estrangeiro pelo regime,

⁸ Milheiro & Nunes, "Le Corbusier e os Portugueses", 85

⁹ Ibid, 3

que foi reconhecido pelas suas características naturais e geográficas e pela sua extensão territorial. Este conjunto de investimentos será gerido por uma nova geração de tecnólogos, majoritariamente da escola do Porto, que transferirão a sua prática para novas regiões ou áreas, uma poderosa corrente de consciência coletiva assente em valores estéticos e na ideologia da modernidade.

A geração africana de arquitetos portugueses ultrapassou os limites estabelecidos pelo sistema do Estado Novo, criando uma identidade coletiva coesa e forte com marcantes benefícios sociais. Conhecido por seu respeito pela sociedade, Vasco Vieira procurou preservar o caráter público e a história, articular função e tecnologia e conseguir incorporar ou adaptar diferentes níveis de arquitetura em um contexto geográfico.

Aparecem alguns sítios patrimoniais com expressões arquitetônicas únicas. Graças ao clima tropical, ao movimento moderno e à experiência africana, nasceu uma linguagem arquitetônica muito específica que veria sua máxima expressão entre os anos 1950 e 1970.

1.2 GERAÇÃO DOS JOVENS ARQUITETOS PORTUGUESES EM ÁFRICA

No início do séc. XX, as vanguardas e a pretensa originalidade confrontavam-se com a tradição, pressupondo que o designado <<grau zero>> seria o ponto de partida; a sensibilidade pelo lugar é irrelevante, o objeto arquitetônico é autónomo; regra geral, o espaço moderno é quantitativo, lógico, abstrato - parte de uma construção mental¹⁰.

Durante a implantação do Estado Novo, a perspectiva e os aspectos arquitetônicos de Lisboa sofreram uma transformação caracterizada por uma exploração da plástica aplicada a novas técnicas construtivas tecnológicas associadas a um gosto mais apurado. Assim, os primeiros sinais do movimento moderno surgiram em Portugal no final dos anos 1920 e 1930, por jovens arquitetos formados na Escola de Belas Artes de Paris, o que causou um certo choque e ressentimento na sociedade da época. Extremamente ignorante, o movimento é mais tarde atacado e rejeitado por

¹⁰ Santiago, 17

membros da cultura, poder e pela sociedade civil após perceber sua importância política.

Portanto, deve-se enfatizar que essa polêmica e aversão às ideias modernistas foi baseada no momento social em que o país se encontrava, e que fatores sociais retardaram o surgimento desse movimento, portanto, afetaram a eliminação das ideias modernistas.

O movimento modernista inclui duas principais escolas de pensamento que apoiam a cultura arquitetônica moderna, progressiva e cultural. O grupo autodeclarado progressista que defendia ideias racionalistas como forma de renovação e progresso, movimento desenvolvido por Le Corbusier (1887-1965) e que culminou com a publicação do Pacto de Atenas em 1943, elemento que se tornaria fundamental na criação de princípios modernos orientadores da crescente arquitetura portuguesa.

As ideias Corbusianas são fundamentais e cruciais para explicar a importância da dimensão moderna do movimento de forma clara e compreensível. Este período é também marcado pela fase de reconstrução em curso na Europa do pós-guerra, pela qualidade das "novas ideias" do novo período, pelos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier, e pelos padrões que este seguiu para a organização urbana moderna. Tais ideias estão expressas no documento de Antenas, como será visto mais adiante. Muito prático, esse estilo é amplamente utilizado em todo o mundo e se consolidou como um estilo universal.

Com a queda da massa dos regimes fascistas na Europa, muitos dos quais faziam parte do novo cenário político e cultural nacional, perdeu-se seu referente básico, o que provocou uma ruptura no meio cultural da cidade. A jovem geração do modernismo que sucedeu à geração dos anos 1930 trouxe uma dimensão importante ao discurso arquitetônico que combina ética e estética e, finalmente, estabeleceu o conceito de modernidade, dando-lhe uma apreciação após a guerra.

A geração de jovens arquitetos portugueses do pós-guerra, entre os quais o arquiteto Vasco Vieira da Costa, é conhecida pela sua formação acadêmica e política, que trouxe ideias socialistas e comunistas, e demonstrou em Portugal uma certa capacidade intelectual e vigor social de luta pelos direitos da classe mais baixa da sociedade.

Desta forma, irão surgir alguns obstáculos no setor da habitação popular, e, com isso, a necessidade de reformular a teoria e a tecnologia dos novos planos urbanísticos, e de aumentar a dimensão geográfica dos espaços urbanos, permitindo a reintrodução e adoção de espaços modernos. O movimento modernista vai ser um elemento de controle do tratamento do espaço e reforma das obsoletas instituições profissionais no ensino de arquitetura no país.

Portanto, é fundamental admitir que o surgimento desse movimento beneficiou diferentes setores do Estado, pois deu grandes passos no desenvolvimento intelectual e cultural do país, permitindo que as novas tendências no campo acadêmico se integrassem e florescessem, bem como influenciassem a formação profissional desta geração de jovens arquitetos.

Por outro lado, o movimento moderno desempenhou um papel importante na transformação da consciência social, na concretização de projetos modernistas numa sociedade que até então se baseava na cultura arquitetônica colonial, e na arquitetura realista portuguesa. A cultura apoiará a ética do movimento moderno.

Atribui-se sentido de realidade à dimensão ideológica do movimento modernista, que até então não estava presente numa geração de arquitetos da cultura colonial que acreditava, no que diz respeito à utilização de novos materiais, numa nova abordagem e numa arquitetura simples.

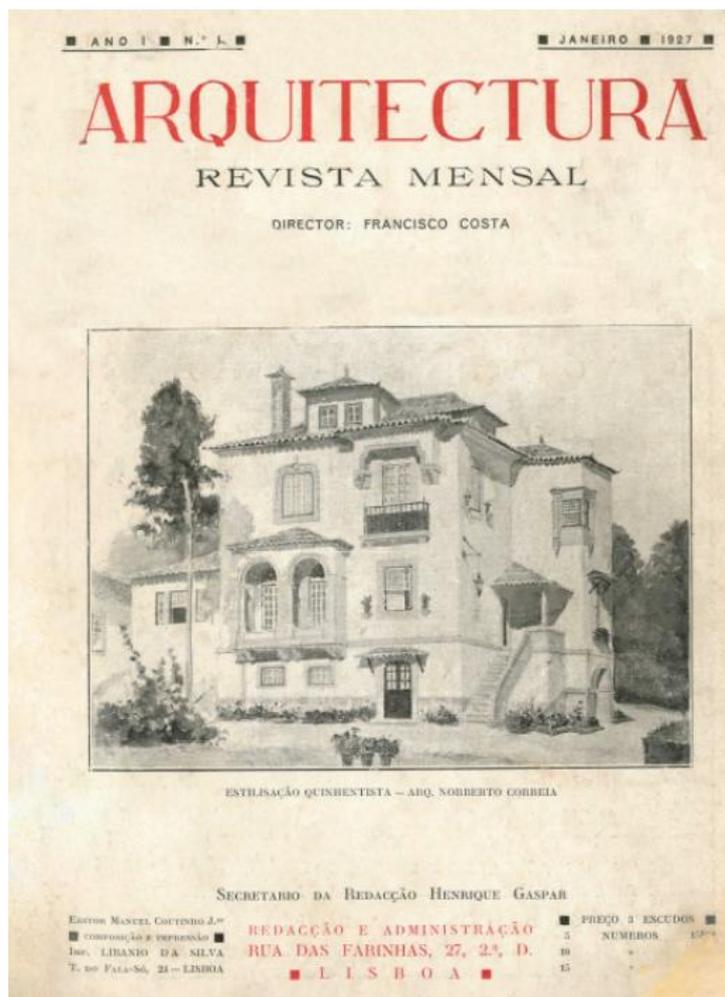
Por isso, para refletir e debater questões relacionadas com este novo estilo de projeto, nasceram dois grandes grupos, constituídos por arquitetos nascidos em Lisboa e no Porto.

Na cidade do Porto, este grupo de arquitetos modernistas será responsável por difundir os princípios da arquitetura moderna, influenciando na formação do ser humano com consciência profissional, apresentando uma face mais séria e melhorando o reconhecimento entre a classe dos arquitetos e artistas plásticos, valorizando o indivíduo e sociedade portuguesa.

Do outro lado dos modernistas, os arquitetos de Lisboa vão tentar elevar a discussão, apostando em teorias baseadas na visualização de obras desenhadas pelos mestres do movimento modernista. Destaca-se a relação entre a arquitetura e as artes plásticas na publicação e exposição do trabalho de jovens arquitetos e

ressalta-se a importância da qualidade gráfica da própria Revista *Arquitectura*¹¹, que se tornou um importante instrumento crítico. As figuras 1 e 2 abaixo mostram algum exemplar dessa qualidade gráfica que se obtinha da revista.

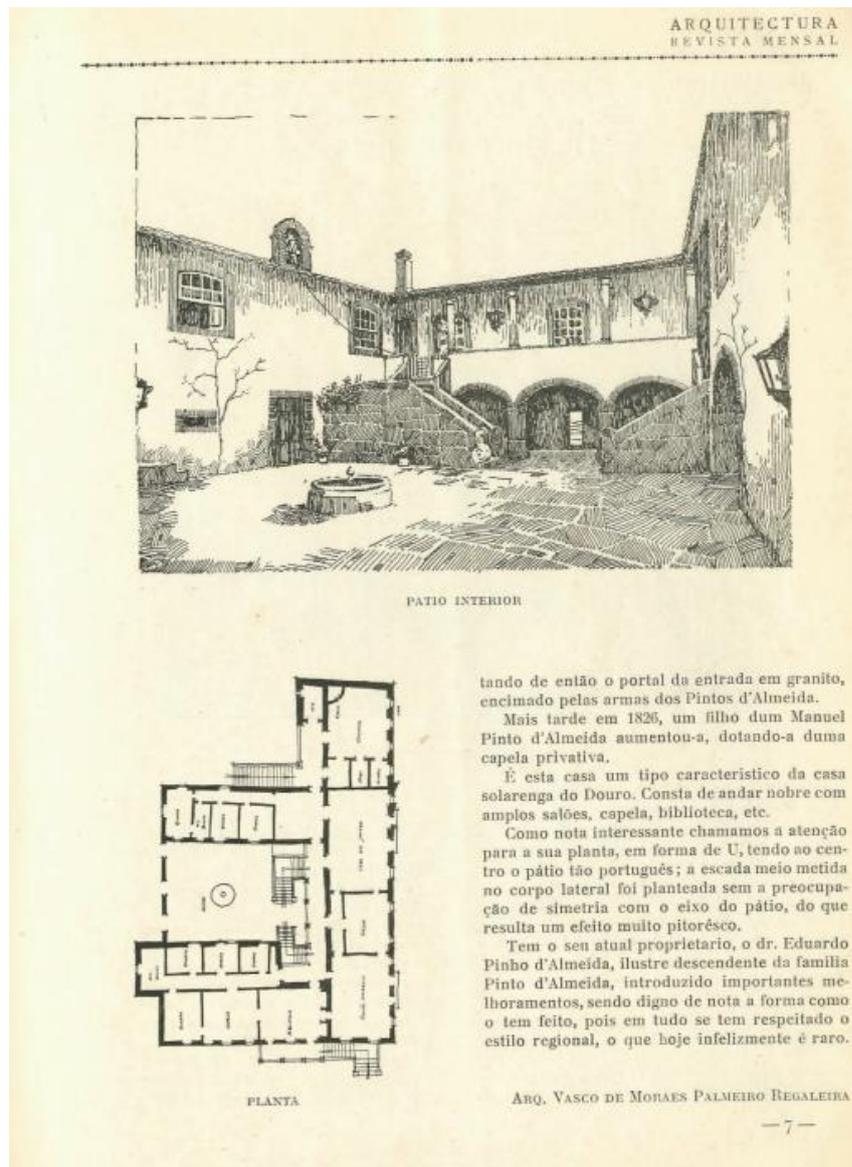
Figura 1- Capa da Revista *Arquitectura*



Fonte: https://biblioteca.fa.ulisboa.pt/images/revista_arq_portug

¹¹ Revista *Arquitectura* (*Faculdade de Arquitectura 1927-1958*), suas publicações eram mensais e tinha como foco mostrar a qualidade de muitos trabalhos feitos a mão, com instrumentos tradicionais de desenho.

Figura 2- Perspectiva feita a mão livre com uma planta baixa



Fonte: https://biblioteca.fa.ulisboa.pt/images/revista_arq_portug

Em 1948 realizou-se em Lisboa o primeiro Congresso Nacional de Arquitetura, evento marcado pelos princípios que norteavam a vanguarda europeia desde 1920. Assim, apesar da resistência voluntária do país ao movimento de desenvolvimento da arquitetura moderna, o objetivo do congresso foi propor e contribuir com novas visões para os debates sobre os últimos temas de vanguarda em todo o mundo.

Temas relacionados com a habitação social, as novas regras urbanas como diretrizes para uma cidade organizada, a importância de deixar espaço para a

utilização e adaptação de novas tecnologias e materiais e sobretudo um especial interesse pelos métodos de ensino são colocados em evidência. Numa perspectiva mais humana, podemos dizer que a arquitetura moderna se apresenta como ferramenta essencial para moldar sociedades mais justas e igualitárias.

O pós-guerra é também o palco da criação de novas ocupações espaciais, da reativação da linguagem arquitetônica para estabelecer o imperativo da arquitetura moderna e da abertura do direito do arquiteto de participar no papel de encontrar soluções para os problemas da casa, sem ter que se preocupar com estilo e tamanho da cidade e dos prédios isolados do local.

Dessa forma, a colônia se tornará um paraíso para experimentos na aplicação de novos conhecimentos, novas culturas surgirão, novos modos de vida serão criados. Neste novo edifício, o arquiteto apresenta-se como elemento dominante de significação urbana e de formação social, a sua tese assenta nos princípios defendidos pelas vanguardas europeias.

Assim, com a instalação de novos povoamentos nos territórios em expansão da região, estes irão, por sua vez, influenciar o impacto do capital humano e financeiro de Portugal. Portanto, uma nova geração de arquitetos viu neste emaranhado de assuntos a oportunidade de sair de Portugal e investir nas províncias ultramarinas, mobilizando recursos humanos e financeiros a partir de Lisboa por meio de um novo programa, significando abertura à estabilidade em novas terras, dizendo que o governo abrirá mais concorrência de diferentes lugares para fortalecer a redução das instituições efetivas da administração pública na capital.

Assim, para uma geração jovem e recém-formada – para mais numa área profissional muito ligada à efetivação material (pelo urbanismo e pela construção) da colonização, que nesta fase histórica estava em pleno curso a expansão de Angola e Moçambique – reforçava-se a ideia de «escape e aventura», e afirmava-se quase naturalmente a sua concretização, associada à ida para África¹².

Através do investimento previsto nas colônias, surgiram nestas terras novas profissões de arquiteto, com possibilidade de conceber arranjos arquitetônicos com base nos princípios desenvolvidos pela arquitetura moderna, que seriam largamente

¹² Fernandes, “Geração africana: Arquitetura e cidades em Angola e Moçambique”, 16

ocupados por uma geração da juventude de 1948 que usou como base os valores do movimento moderno para continuar afirmando seus valores.

Destaque-se que este coletivo de jovens arquitetos interessados em África encontrou uma oportunidade de se familiarizar com novas ideias, modelos, propostas e criatividade, ou seja, acompanhado por um grupo de expansão econômica e social do setor privado que propiciará consolidar a sua iconografia, influenciou o desenvolvimento dos movimentos modernos nas colônias portuguesas em África.

Mas este investimento e trabalho que ocupa cada vez mais espaço no Ultramar levará a iniciativas maiores e mais livres nestas áreas, trazendo uma visão que aponta claramente para o alvorecer da era moderna na região.

1.3 LUANDA: CRESCIMENTO URBANO E ARQUITETURA

O desenvolvimento urbano de Luanda, capital de Angola, pode ser visto através elementos gráficos e materiais produzidos entre 1647 e 1950. O declínio aqui se deve à escassez e falta de materiais que demonstrem a extensão da habitação no tecido urbano da capital, e a expansão de bairros fechados com a chegada de novos moradores, e prédios construídos antes do período em que o movimento modernista se formou ou existiu.

Inicialmente, porém, algumas fontes afirmavam que a execução do plano urbanístico de Luanda era da responsabilidade dos portugueses, que desembarcaram em Angola a 11 de fevereiro de 1975 com Paulo Dias de Novais, com mais de 700 mil pessoas a bordo, 350 das quais militares armados. Esse planejamento foi emulado em outras partes do país, tornando-se um modelo de urbanização e de novas características rurais.

É necessário abordar a história do desenvolvimento urbano em Angola, pois só assim poderemos analisar e desenvolver como se dão os diferentes períodos de transformação da cidade de Luanda segundo o seu passado e como se renovou. Nós mesmos estamos no presente, transmitindo o que foi preservado da história pré-moderna. Assim, os arquivos de arquitetura e os arquivos de urbanismo são

realizados separadamente para melhor compreender a sua história e o relato dos acontecimentos.

A situação urbanística e habitacional de Luanda tem em conta vários aspetos diretamente relacionados com as suas características topográficas e geológicas, bem como a sua localização estratégica como centro da capital nacional. Desta forma, pode dizer-se que o seu planeamento segue o mesmo procedimento que noutras províncias portuguesas situadas fora de Portugal, nomeadamente a escolha do local, a ocupação do terreno e, sobretudo, o tipo de traçado a ser projetado.

No desenho das plantas das cidades portuguesas costuma-se fazer estudos técnicos para melhor avaliar onde construir na cidade, normalmente por cima das zonas de fortificação, onde aparecem os núcleos dos diferentes povoamentos, e porque se torna uma estratégia defensiva contra áreas preferenciais de invasão. A cidade de Luanda foi escolhida por suas peculiaridades, como o fato de a ilha oferecer segurança e proteção ao centro.

A situação geográfica e a topografia foram os pontos mais favoráveis para que fosse escolhida para concentração dos primeiros traçados urbanos daquilo que seria a grande metrópole angolana.

Sendo assim, sua ocupação deu-se na parte com a cota mais alta por ser um ponto que permitia avistar o inimigo, proporcionando maior segurança, e com isto, foram construindo as fortalezas em locais onde a topografia é mais alta e fornecia maior potência para a defesa; dentre essas ocupações a primeira foi feita na região chamada Morro de São Paulo, por ser o local mais alto de cidade e que permitia uma maior visão estratégica da cidade e conseqüentemente foi se expandindo para a Ilha de Luanda, a baía e a costa atlântica. Neste último, foi erguida a Fortaleza de São Miguel.¹³

O padrão urbanístico nas províncias ultramarinas portuguesas alterou-se consoante o relevo e a localização das habitações escolhidas, mas em muitos casos teve de manter um padrão de habitação e edifícios públicos que não se afastasse

¹³ Um dos principais objetivos da expansão territorial em Angola, inicialmente foi o de comércio de ouro e a venda dos escravizados.

dessas práticas. Porém, em Portugal não é diferente da cidade de Luanda¹⁴, porque existia uma política protecionista por parte do Estado Português. Essa política tinha como objetivo manter o padrão de residências que eram feitas em Portugal para as terras Angolanas.

Percebe-se que o comércio de ouro e de escravizados foi fundamental para a exploração e criação das terras africanas como local de moradia e trabalho:

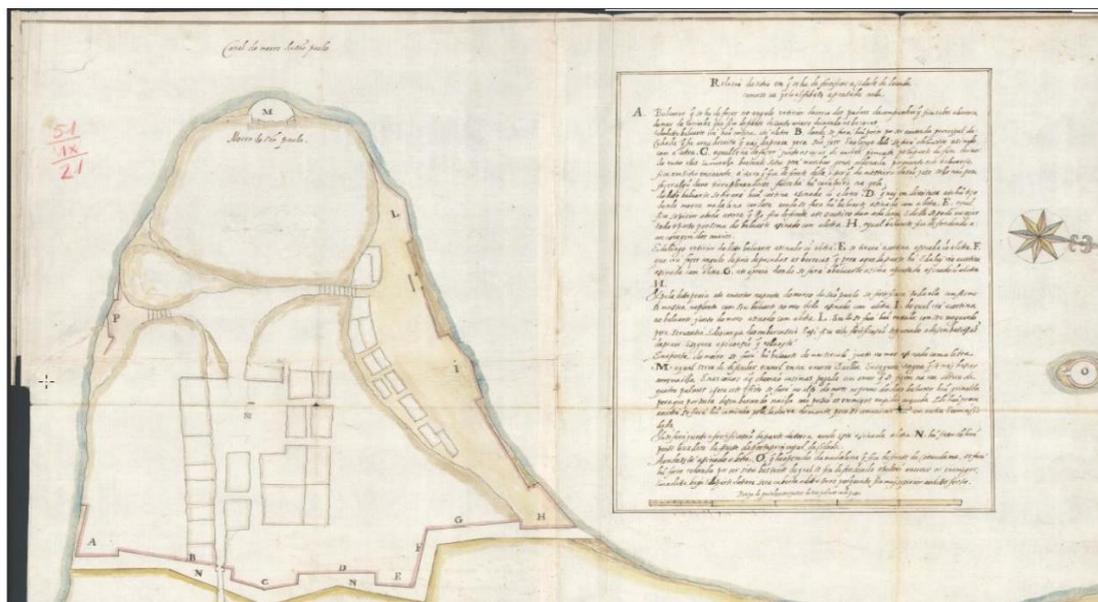
“O comercio do ouro produzido nas regiões a sul do Saara e o comércio de escravos eram os objetivos comerciais do início da expansão [...] nas décadas finais do século XV, o objetivo passou a ser a Índia”¹⁵.

O Golfo de Luanda foi no século XVI um dos mais importantes pontos de comércio e tráfico de escravos, tendo grande influência na região mais meridional do continente africano, que pelas suas características físicas locais facilitou a construção de portos, pontes e cais conforme a Figura 3 abaixo. Outras infraestruturas estabelecidas ao longo da baía, tornou este local ponto estratégico para o comércio durante a época colonial. Uma característica física marcante da baía é a presença de morros em seu perímetro, onde poderiam ser construídos os Fortes de São Miguel e Penedo, que eram suas fortalezas protetoras.

¹⁴ Teixeira, *O urbanismo português: Séculos XIII-XVIII: Portugal-Brasil*, 26.

¹⁵ Ibid.

Figura 3 - Mapa do perímetro da cidade de Luanda 1626¹⁶



Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

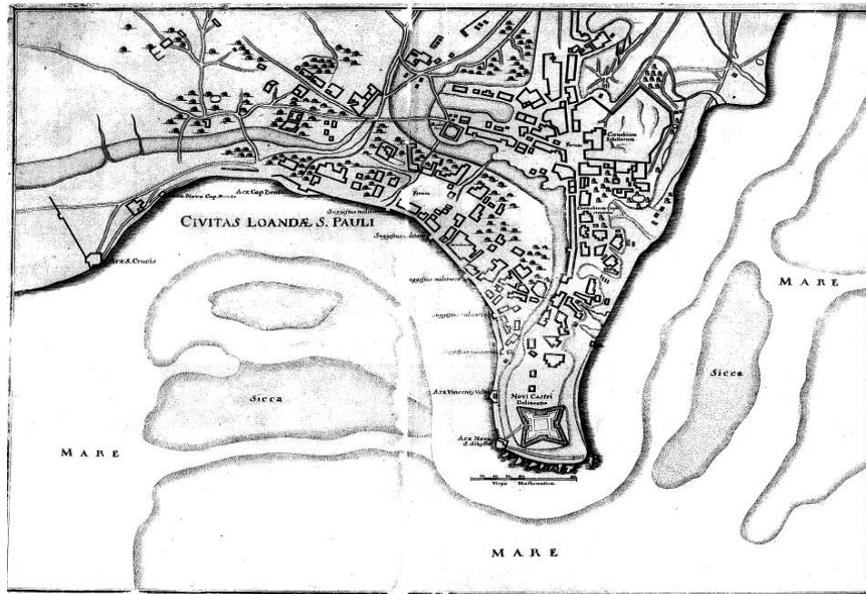
Os primeiros edifícios seguiram o arranjo topográfico da área de acordo a Figura 2 da cidade de Luanda de 1647, seguindo o perfil da estrutura urbana original da época, que se curvava paralelamente à linha nas partes inferior e superior da área. Assim, conforme o segundo mapa, pode-se constatar que a igreja de Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora de Nazaré localizava-se na parte baixa da baía.

Na parte mais alta da cidade, havia uma estrada que levava às igrejas de Nossa Senhora da Conceição, à igreja dos jesuítas e ao colégio, e outra estrada entre as igrejas de Nossa Senhora da Conceição e Nosso Senhor da Misericórdia. Para o segundo cartão acima.

Geralmente, os lugares mais altos eram ocupados por donatários, assim como as áreas mais baixas da cidade. A peculiaridade aqui é que altos funcionários do exército e do estado viviam na parte mais alta da cidade, enquanto os comerciantes viviam na parte mais baixa da cidade.

¹⁶ Mapa do perímetro da cidade de Luanda com a necessidade de construir uma Fortaleza, conforme mostra a nomenclatura em letras alfabética. Planta de Luanda em 1626.

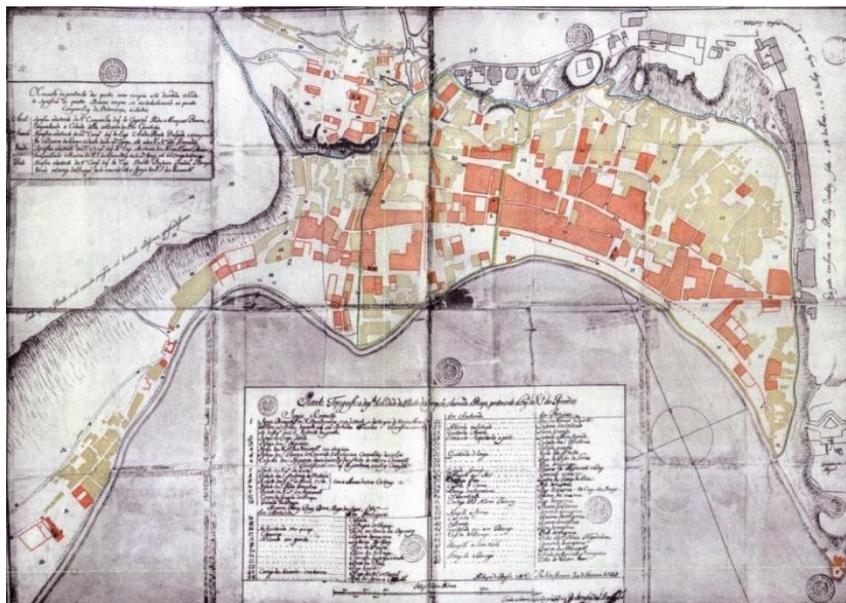
Figura 4 - Mapa da cidade de Luanda 1647



Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

Pela legenda do mapa a seguir, Figura 5, pode-se observar a presença de algumas das instituições estabelecidas na cidade. A clareza e destaque dados, no mapa, para os elementos naturais presentes no terreno, ajudam a perceber a diferença de elevação entre áreas altas e baixas da cidade.

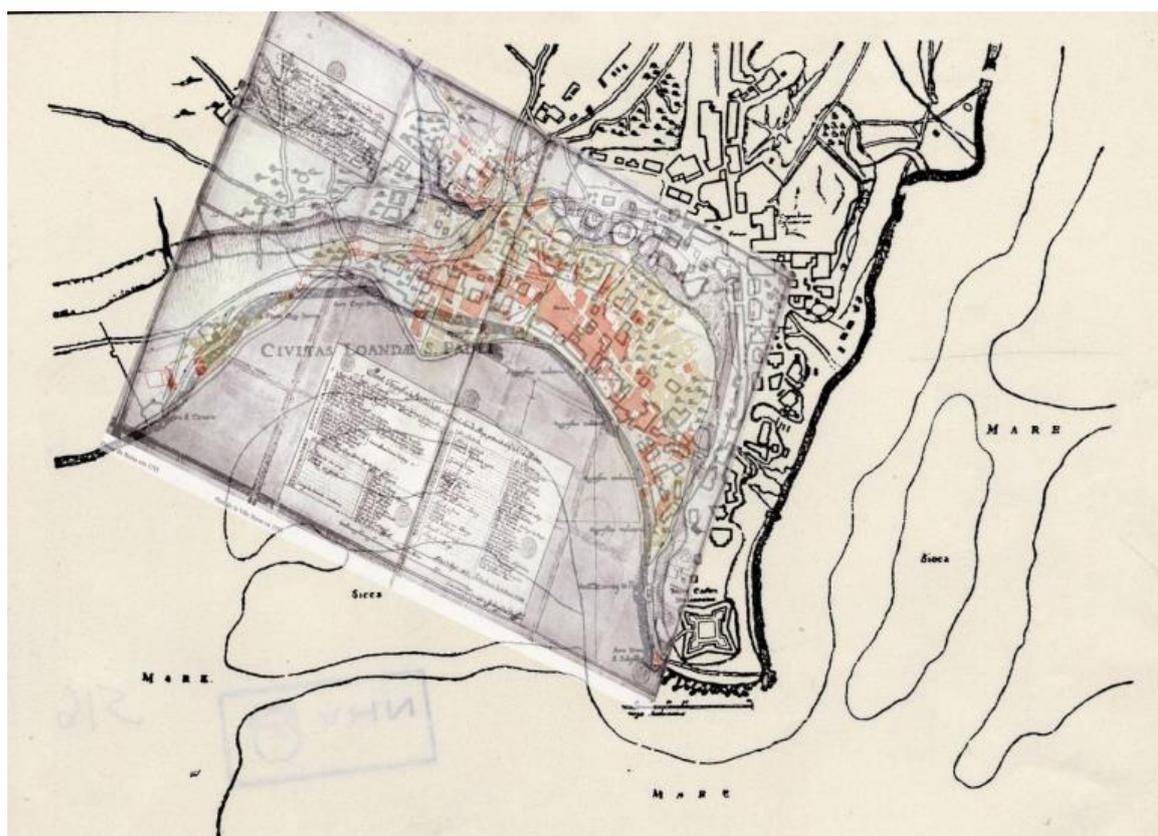
Figura 5 - Mapa topográfico da cidade de Luanda 1775



Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

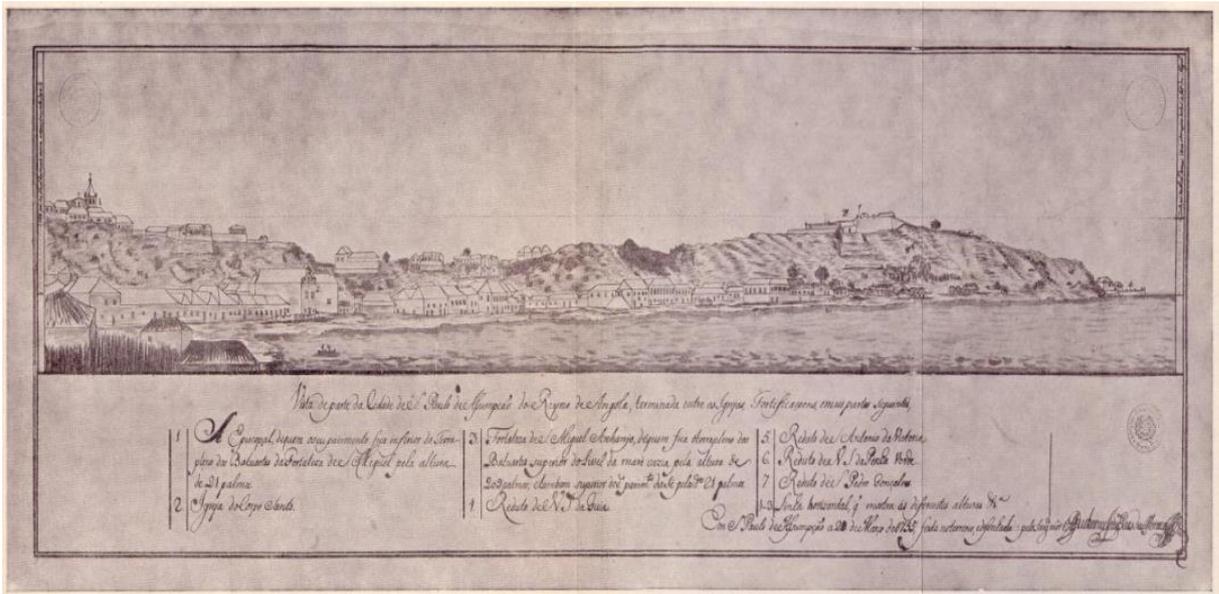
Como pode ser observado no próximo mapa, da Figura 6, há uma arquitetura intencional com linhas guias ortogonais, ruas claramente demarcadas, para comemorar e respeitar o espírito do urbanismo renascentista criado pelas cidades insulares portuguesas. Padrões semelhantes durante o século XVI.

Figura 6 - Sobreposição do Mapa de Luanda de 1647 na de 1775



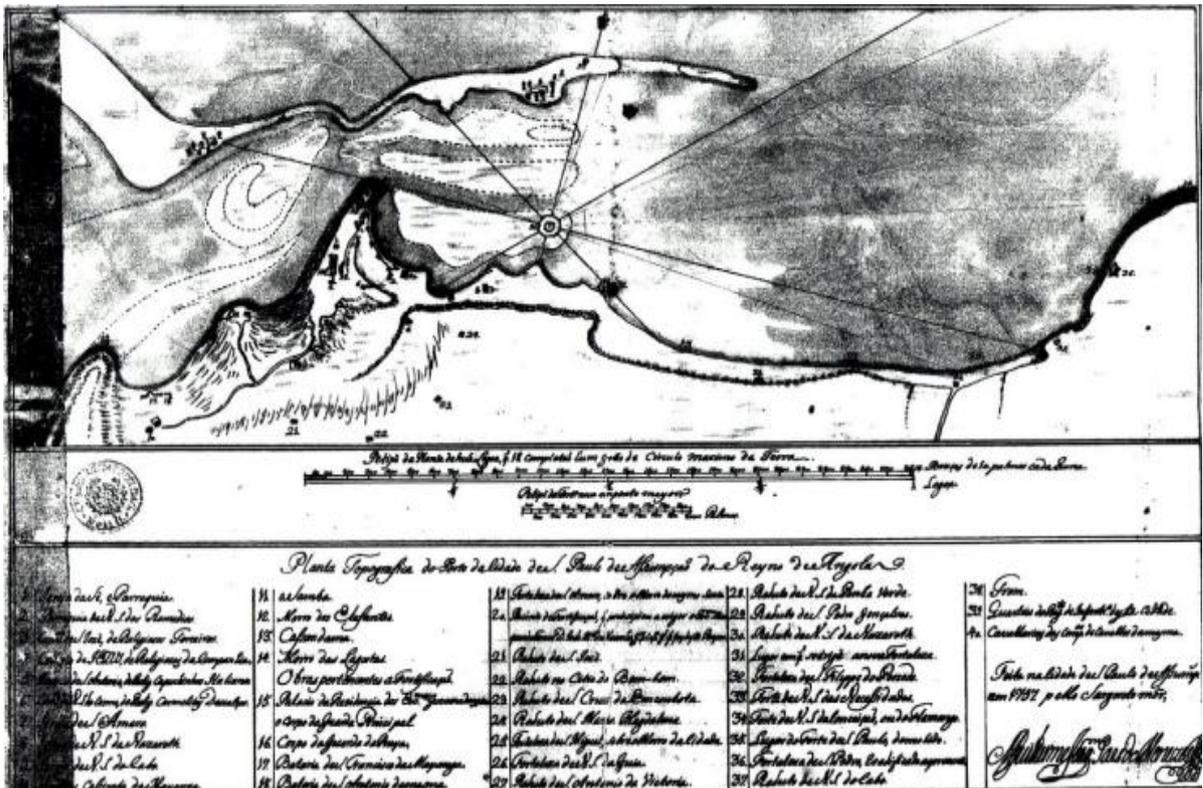
Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

Figura 7 – Vista da cidade de Luanda em 1775¹⁷



Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

Figura 8 - Planta topográfica do Porto da cidade de Luanda 1757



Fonte: Ensaio de Iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar.

¹⁷ À esquerda, Igreja do Corpo Santo, sede da segunda paróquia (Igreja) de Luanda.

Figura 9 - Mapa de cidade de Luanda 1665

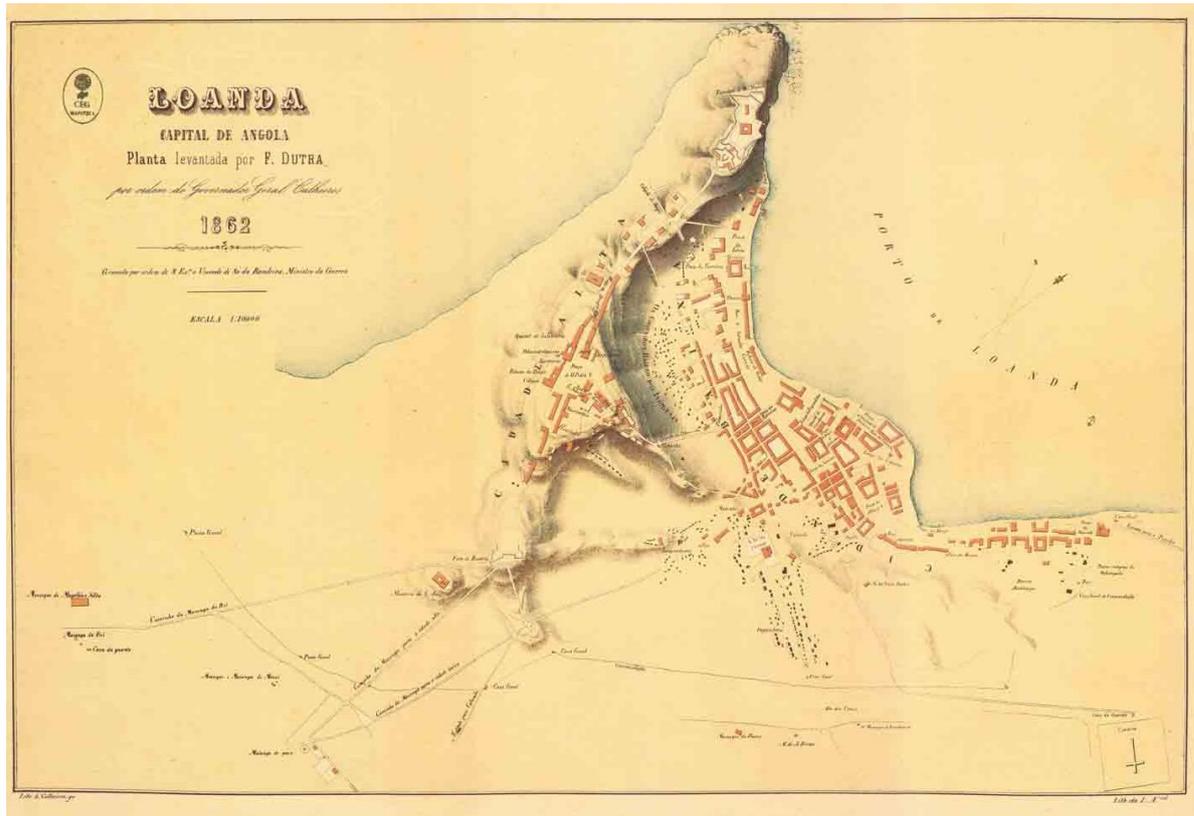


Fonte: Pauli (1665)

O forte fazia parte dos limites da cidade, com vários cais ao longo dele, ocupados por militares que tinham a responsabilidade de controlar o comércio e como função o policiamento da cidade.

Embora não esteja muito claro, no mapa da Figura 10 abaixo, pode-se ver o desenvolvimento ordenado e proeminente da cidade, o aumento do número de ruas e as estradas, que originalmente serviam como principais da baía, e as ruas paralelas às vias principais foram gradualmente sofrendo alterações de alinhamento, que sugerem uma certa expansão da cidade nas áreas mais afastadas do centro, perdendo assim a verticalidade da diagonal (construção verticalizada).

Figura 10- Desenho da planta de Luanda 1862



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luanda>

Importante mencionar que uma característica peculiar aos projetos de loteamento, é que os terrenos destinados à construção de casas tinham largura maior em relação ao comprimento, algo incomum no planejamento e urbanização das residenciais atuais.

De maneira geral, observa-se que os lotes eram construídos ao redor desses terrenos, visando criar espaços centrais ou praças que proporcionassem maior conforto térmico e climático, além de garantir a separação entre aqueles funcionários militares e os escravizados.

As praças atuavam como espaços onde os animais descansavam. As subdivisões dos andares dos prédios também possuíam características de

funcionalidade, servindo o piso térreo para atividades comerciais, enquanto o segundo piso ou segundo andar era reservado ao proprietário.¹⁸

Durante o processo da abolição da escravatura, muitos daqueles que detinham o domínio sobre os escravizados começaram a abandonar a cidade de Luanda e retornar a Portugal. Assim, houve um período em que os habitantes das áreas mais remotas e afastadas do centro da cidade passaram a ocupar a região central da capital de Luanda¹⁹.

Alguns municípios já possuíam a agricultura como meio de sustento, regiões estas habitadas principalmente por africanos e pessoas educadas, de ascendência mista. No entanto, a maioria da prosperidade vinha da venda de escravizados, comércio dominado pelos brancos.

Com o regresso de brancos para Europa, alguns grupos (uns compostos por nativos) passaram a ocupar os locais mais importantes na região urbana, galgando cargos de chefia no âmbito da administração pública, nas letras (ambientes acadêmicos) e na política²⁰.

1.4 A ARQUITETURA DO SÉCULO XVI EM ANGOLA

A arquitetura produzida em Angola durante o século XVI foi fruto das investidas realizadas pelo governo português durante anos de exploração intensa dos povos originários do país. Destaca-se, nesse período, a fundação da cidade de São Paulo de Loanda pelo capitão português Paulo Dias de Novais em 1576, empenha-se em edificar a Igreja de São Sebastião.

Doravante, após períodos de muita exploração, escravização e tortura, o país se viu liberto das mãos do colonizador por acordo escrito e, de maneira simbólica, tendo conquistado a sua independência em 1975, por meio de luta armada. Que não

¹⁸ Termo usado para designar o proprietário, comerciante e chefe de uma família.

¹⁹ Mourão. *Continuidades e discontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*, 2006.

²⁰ Ibid

destruiu os vestígios da herança arquitetônica deixada pelos portugueses em edifícios públicos e residências com estilos clássico barroco e o estilo de historicismo.

Portanto, o verdadeiro crescimento e desenvolvimento do território angolano passa ser verificado apenas no final do século XIX. Tais mudanças só foram possíveis a partir da iniciativa do Brasil de cortar certos financiamentos à metrópole portuguesa, que por sua vez, viu as receitas caírem ao perderem o controle da sua maior colônia.

Além disso, e com o processo de abolição da escravatura, interessou a Portugal criar estratégias para manutenção de recursos, levando o país a preocupar-se com a ocupação e povoamento do território angolano onde ainda se verificava certa resistência, instalando postos administrativos, evitando, assim, a ocupação do território por outros invasores. Com a prática intensificada no setor da agricultura e na exploração de outros recursos como os minerais, a ditadura portuguesa instala-se com a criação de setores de controladoria administrados por pessoas indicadas e enviadas pela metrópole.

Em uma pesquisa histórica mais superficial sobre a ocupação do território angolano, tem-se como primeira impressão de que o país foi invadido somente pelos portugueses, mas na realidade, por volta de 1641 a cidade foi usurpada e ocupada pelos holandeses, ergueram na região importantes infraestruturas da época como, a Fortaleza de São Miguel, a Capela Dom Sebastião, o Palácio Episcopal²¹, a Casa da Câmara, a Igreja de Jesus e o Colégio. Este último situava-se nas imediações da Igreja da Misericórdia, que durante anos foi utilizada como Tribunal Militar de Angola, Hospital da Santa Casa²² e a Igreja da Nossa Senhora de Misericórdia etc.

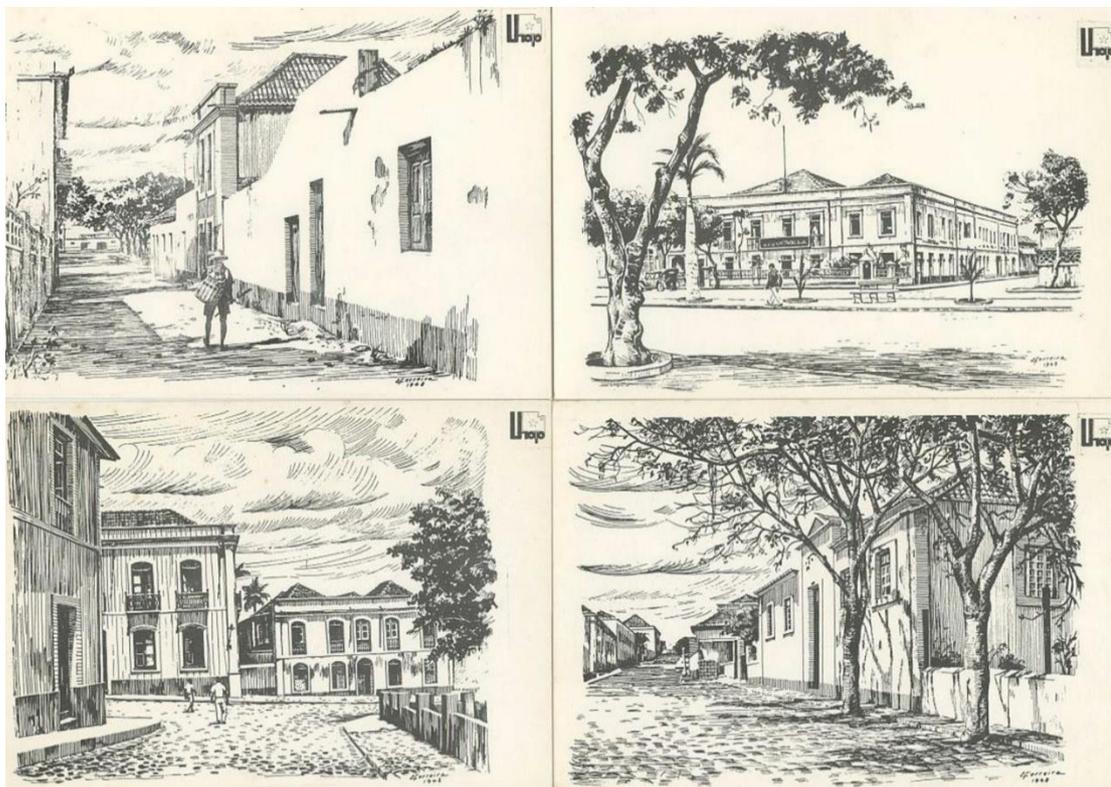
Depois da destruição em que a cidade de Luanda se encontrava em 1648, sinais de sua inserção na utilização dos modelos urbanísticos mais aceitos começam no início do século XVIII. Durante esta fase, Angola vai ser abastecida por vários materiais de construção vindos da Europa e do Brasil. Uma das obras construídas

²¹ Situava-se nas proximidades do local onde foi construída o atual consulado da Grã-Bretanha.

²² Primeiro hospital público de Luanda

neste período, conforme ilustra a figura 11 abaixo foi o edifício da Auspicio de Santo António dos Frades Capuchinhos²³.

Figura 11- Desenho do edifício da Auspicio de Santo António dos Frades



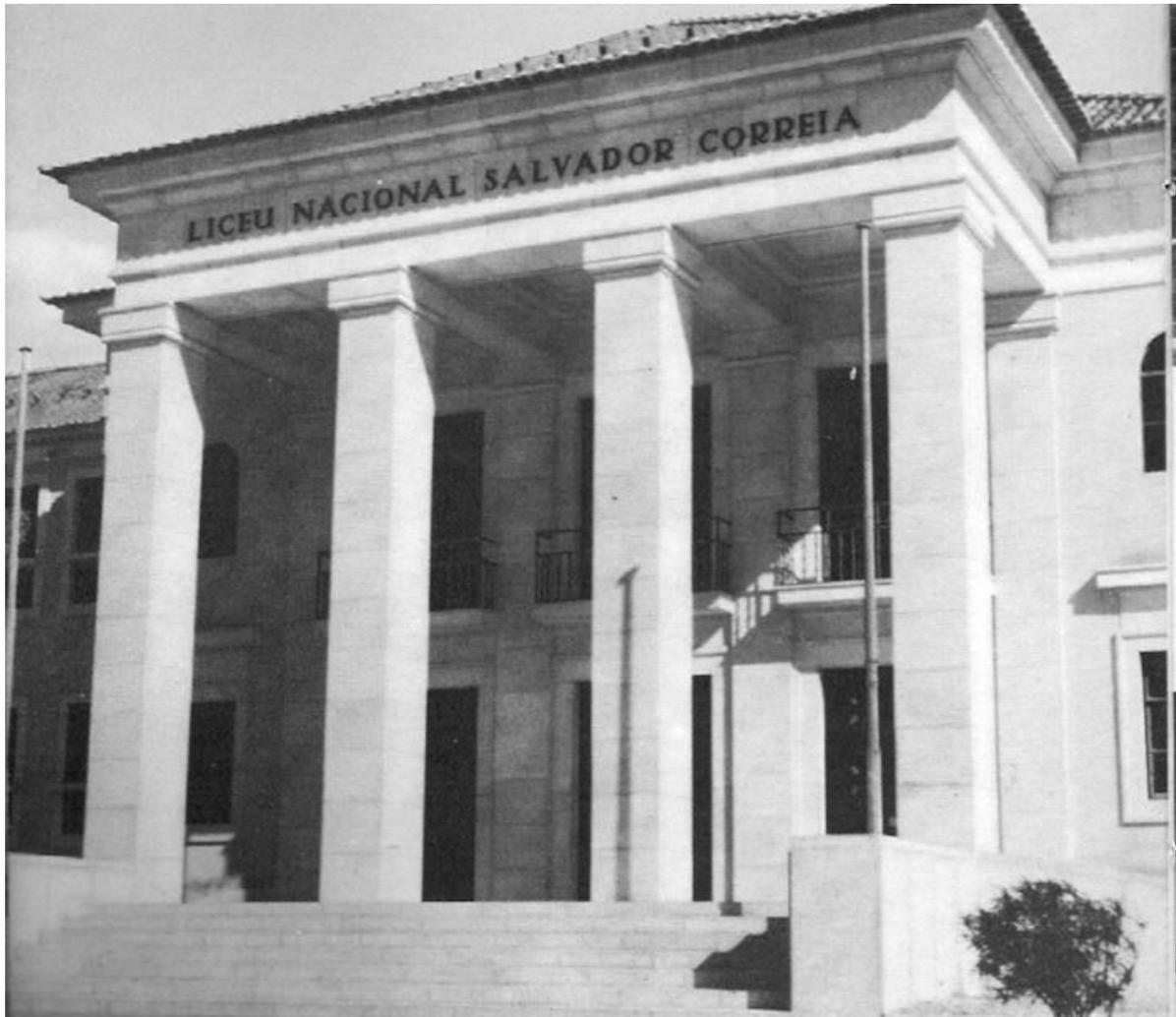
Fonte: Capuchinhos - José (2016)

É necessário que seja pontuado, que durante o período do comércio de escravos, muitas mulheres negras foram estupradas e conseqüentemente algumas engravidaram, gerando filhos mestiços e pardos. Desta maneira, vai surgir na cidade de Luanda uma elite borguista de brancos e pessoas de raça mista, formadas nas melhores escolas da Europa e com poder econômico e financeiro, criando-se, assim, uma “elite pensante” na sociedade angolana, responsável pela criação de infraestruturas grandiosas e de alto padrão, com estilos arquitetônicos superiores aos produzidas na capital Lisboa, durante os séculos XVII e XX. A obra emblemática e ilustrativa dessa época é o Liceu de Salvador Correia, construído em 1942, a obra

²³ O edifício foi construído no local onde hoje é encontrado o Jardim da Cidade Alta.

mostra a grandeza do que era construído em Luanda em comparação com os edifícios construídos em Portugal.

Figura 11- Liceu Nacional Salvador Correia-Luanda



Fonte: José (2016)

1.5 ARQUITETURA DENOMINADA MILITAR

Durante século XVI, a arquitetura denominada “militar” surge com a construção de forte ou fortaleza, com o intuito de manter a vigilância e proteção da cidade de Luanda onde residiam os portugueses. A primeira fortaleza da cidade de Luanda foi Fortaleza

de São Miguel²⁴ conforme se pode observar na Figura 12 abaixo, durante o primeiro governo de Paulo Dias de Novais.

Figura 12- Fortaleza de São Miguel, a primeira obra da arquitetura militar em Angola



Fonte: Maria (2009)

²⁴ Fortaleza de São Miguel, a primeira obra da arquitetura militar em Angola, sua primeira construção era de taipa de pilão depois feita com paredes grossas e pedras, suas dependências eram de baluarte, valas e trincheiras

Figura 13- Fortaleza de São Miguel, decoração de interior com azulejos portugueses



Fonte: Paulo (2007)

A construção de fortalezas requeria todo cuidado na escolha do local, sua instalação exigia os locais mais altos da cidade, por serem áreas que permitiam maior visibilidade, em caso de aproximação de inimigos ou invasores, além de permitir a prática do comércio.

Um dos fatores na busca desses locais, determinante para a conquista das terras africanas, foi a procura da via marítima para a Índia, sendo intenção de Portugal chegar até a Etiópia, unindo-a à Angola e Moçambique, de acordo com a carta donatária que portava Paulo Dias de Novais para Angola, tendo sido autorizado pelo Rei Dom Sebastião.

Sendo assim, arquitetura militar no continente africano é descrito como sendo fruto do patrimônio arquitetônico produzido pelos portugueses na África Subsaariana durante o período que se convencionou chamar de Idade Moderna, mesmo se comparando com as significativas civil e religiosas. Portanto, pode-se linkar a resistência dessas construções ao desgaste do tempo, dando espaço a chegada da atualidade de edificações exemplares mais modernos, mas de outro lado, justifica-se por existir um sistema estratégico e controlado pelo império colonial português. Com muitos êxitos,

muito dos problemas dos residentes foram resolvidos, deste modo explicando as sucessivas investidas na criação e construção de fortalezas²⁵.

Anteriormente a cidade de Luanda não apresentava uma estrutura que permitisse uma boa habitabilidade, por terem sido verificados problemas no sistema de circulação de ar no local. Isso levou à abertura do então chamado Morro de São Paulo e que posteriormente passou a se designar por Morro de São Miguel pelos portugueses, estabelecendo a separação entre a Fortaleza de São Miguel muito antes do local onde foi construída a Igreja da Nossa Senhora da Conceição²⁶: foi feita uma abertura ao longo do morro, e assim, construiu-se uma ponte para unir os dois lados. A ponte foi chamada de ponte dos Enforcados²⁷.

Várias dessas construções eram feitas com materiais locais, tais como: ramos de árvores, adobe etc. Contudo, houve intervenções de melhoria feitas com materiais importados, começando, assim, a serem construídas edificações com cal e pedra, por exemplo.

Com a descoberta de alguns recursos naturais e sua exploração, os materiais passaram a ser produzidos localmente com a extração de cal pelo processo da queima das mabangas²⁸. Com tudo, essas fortalezas foram se deteriorando e perdendo suas características originais e algumas foram demolidas, ficando conservadas apenas a Fortaleza de São Miguel, a Fortaleza de São Pedro da Barra e a Fortaleza de São Francisco do Penedo.

²⁵ Mattoso, *África Mar Vermelho Golfo Pérsico/ Patrimônio de Origem Portuguesa No Mundo*, 201

²⁶ Fundada em 1583, foi a primeira igreja (paróquia) da cidade de Luanda, sua construção foi feita com pilares de madeira, gesso e lama (taipa de pilão), tendo em sua estrutura superior uma cobertura em telha de colmo (técnica construtiva muito antiga).

²⁷ Local onde se enforcavam os escravos durante os longos anos de colonização.

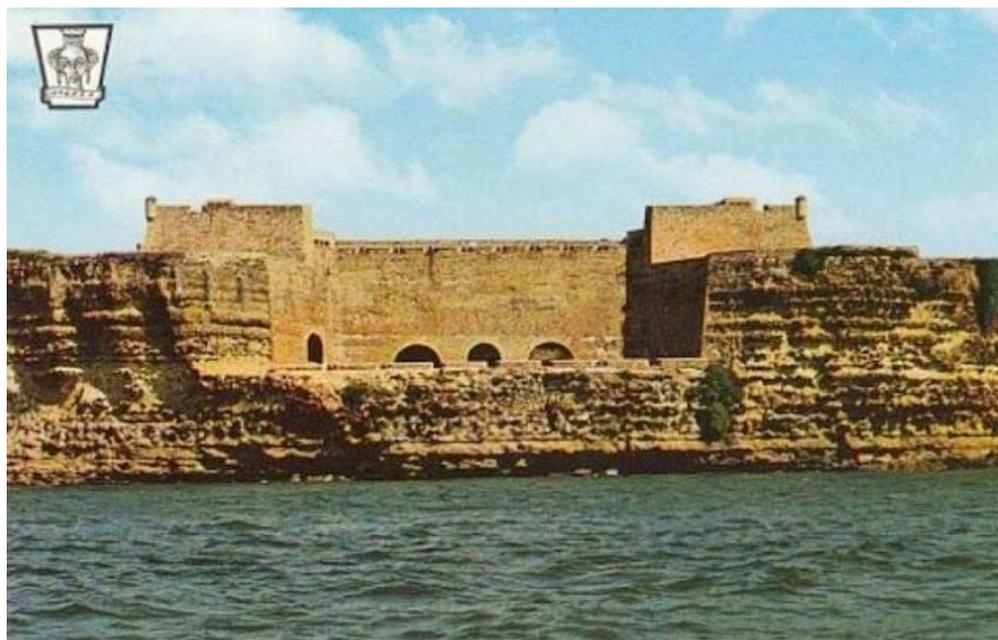
²⁸ Termo usado pelos nativos, para designar marisco de concha.

Figura 14 - Fortaleza de São Pedro da Barra-Luanda



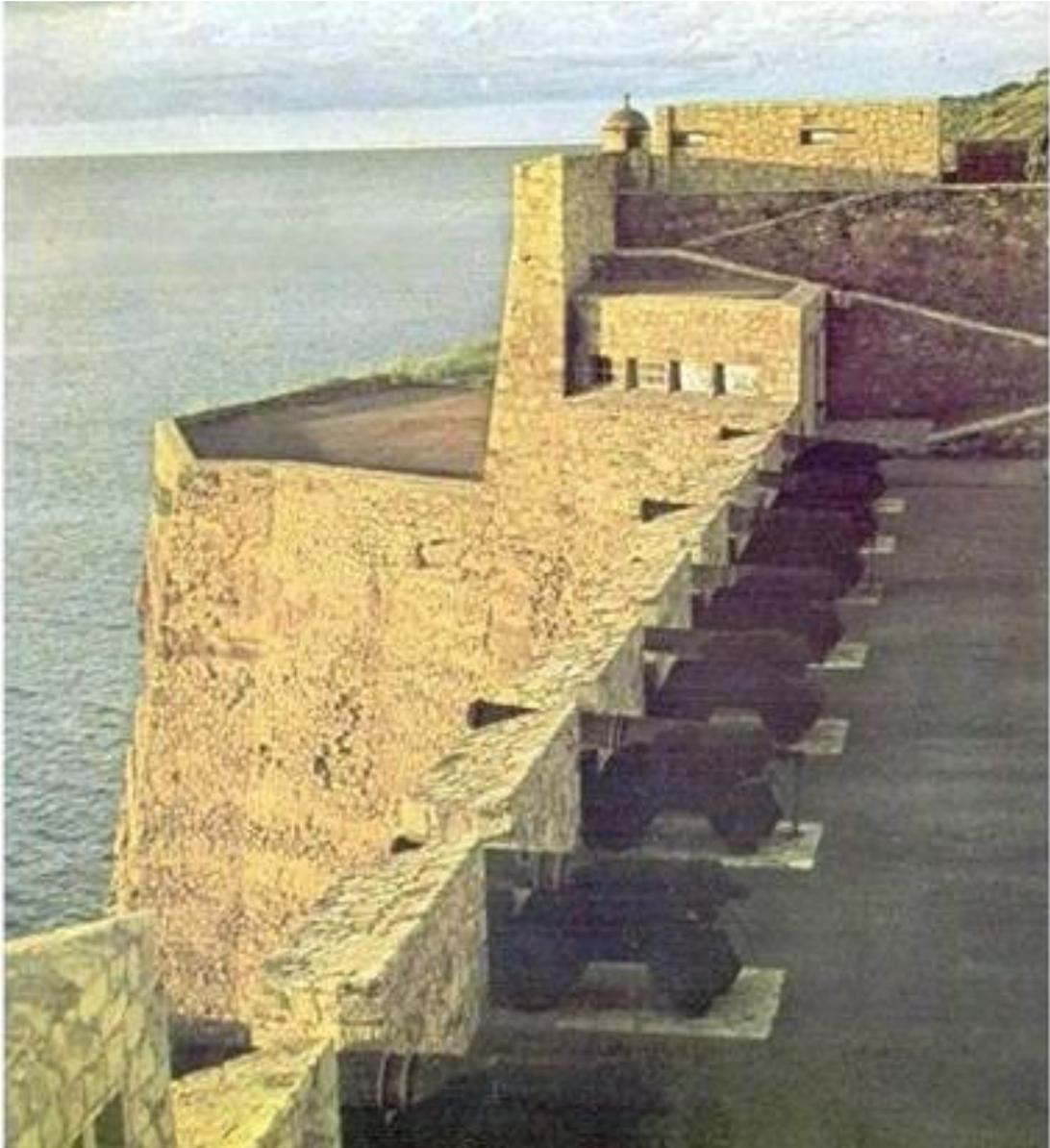
Fonte: Paulo (2007)

Figura 15 - Fortaleza de São Pedro da Barra, Vista de Frente ao Oceano Atlântico-Luanda



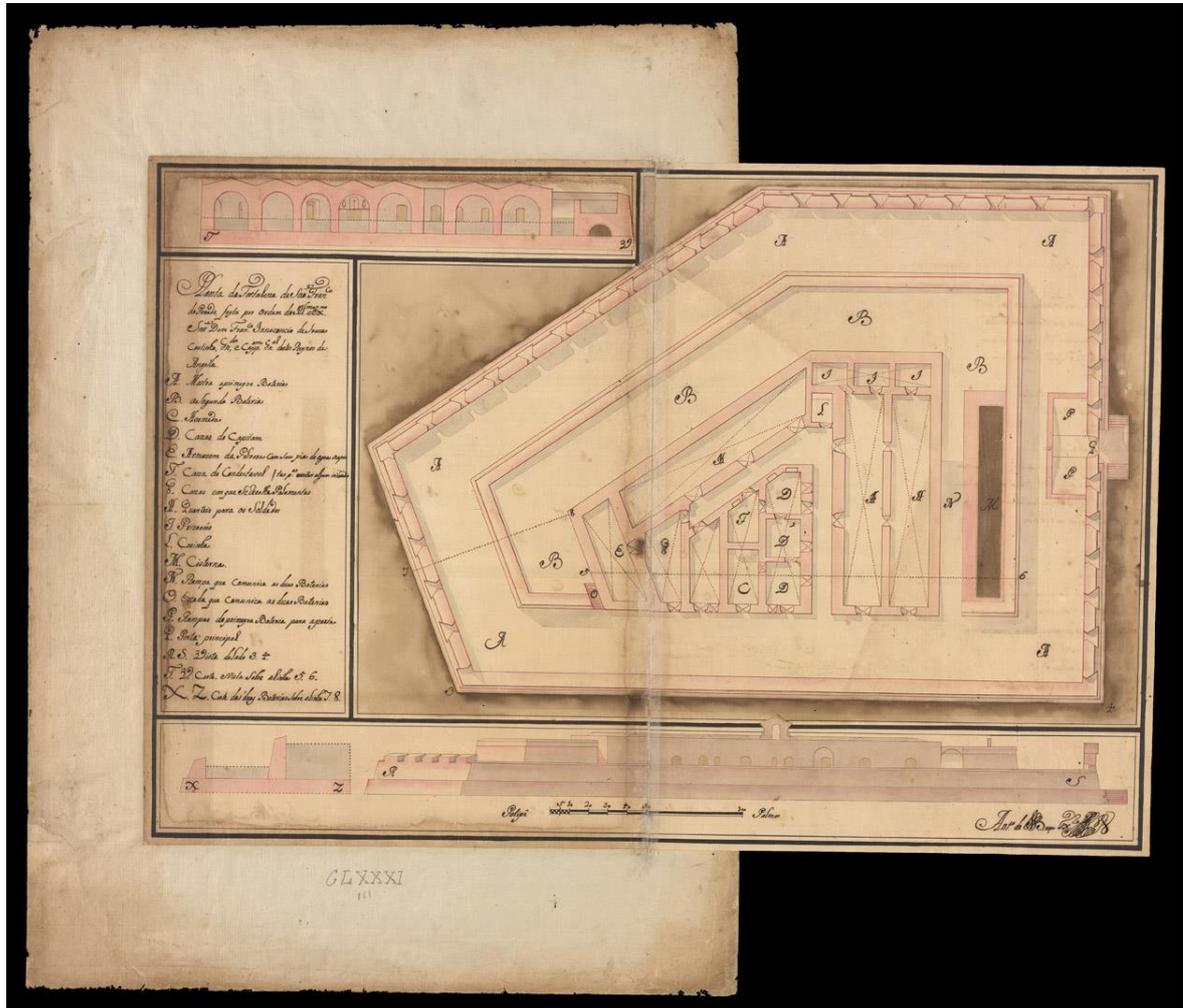
Fonte: Paulo (2007)

Figura 16 – interna com a parte do forte



Fonte: Paulo (2007)

Figura 17 - Fortaleza de São Francisco do Penedo-Luanda



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luanda>

Figura 18- Fortaleza de São Francisco do Penedo, em estado de destruição



Fonte: Ana (2004)

Figura 19- Fortaleza de São Francisco do Penedo, restaurado -Luanda



Fonte: David (2022)

1.6 ARQUITETURA DENOMINADA RELIGIOSA

Desde o início das ocupações forçadas das terras africanas por parte dos invasores europeus que, até a independência dos países africanos eram chamados de colonizadores, a Igreja Católica teve participação importante no processo de usurpação dos territórios, por meio de imposição da sua fé religiosa e dos trabalhos caracterizados como sociais.

De modo geral, pode-se assegurar que o surgimento das primeiras obras da arquitetura religiosa em Angola deu-se na cidade de Luanda com a presença dos primeiros padres católicos, que escolheram as colinas e os morros do centro para a instalação das igrejas. Num primeiro instante, a execução dessas obras só foi possível com a aproximação dos Portugueses com o Reino do Kongo que, devido aos seus limites físicos e geográficos pertencia ao Reino do N'dongo.

Neste período, foi construída uma capela com materiais locais, tais como, ramos de árvores, peças de madeira, bambu etc. Materiais típicos da época, utilizados em todas as construções efetuadas nas aldeias ou vilarejos do continente. O levantamento da capela, foi feito em referência da Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em 1575.

Nesta capela, foi celebrada a primeira missa da Igreja Católica na cidade de Luanda, com a presença do então, e respeitado capitão, Paulo Dias de Novais, acompanhado do seu exército de embarcação. Por volta de 1648, os holandeses vão desocupar algumas regiões, permitindo, assim a viabilização de outros projetos que dariam a origem à construção da Igreja da Nossa Senhora do Cabo.

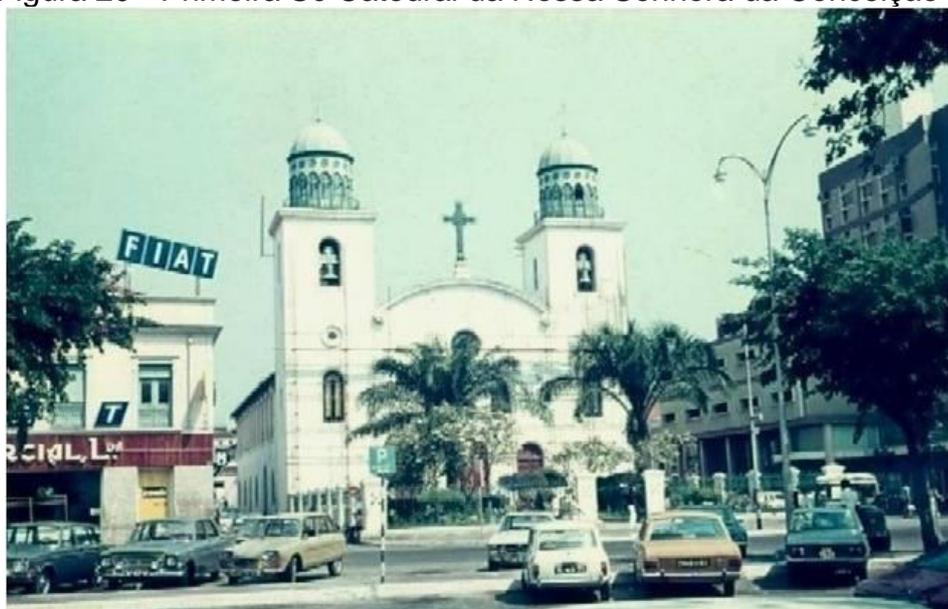
Em 1575, desembarca em Angola, concretamente na cidade de Luanda, Paulo Dias de Novais, ocupando a região do Morro de São Paulo, onde fundou a vila de Loanda e ordenou que fosse erguida uma capela com o intuito de homenagear o Rei D. Sebastião. Esta capela foi intitulada Capela de São Sebastião, em cujas imediações, encontravam-se os Jesuítas, que foram beneficiados por parcelas de lotes de terreno, onde foram executadas obras de igreja convento e colégio. Uma característica típica dos Jesuítas, por onde passavam.

Importa ressaltar, que em Angola durante o período, foi crescente o número de construções de diferentes monumentos religiosos e a arquitetura religiosa foi notável em três grandes extremos do país: a cidade de Luanda, a cidade de Benguela e a região que abrange a grande bacia do Kwanza e Congo.

Entretanto, essa arquitetura, carregava consigo uma expressão característica do classicismo, com as mesmas similitudes das produzidas na metrópole, porém, alguns desses edifícios com características religiosas possuíam uma certa originalidade da região de Luanda, de influência de outras regiões. A maioria desses templos ou igrejas com características emblemáticas da arquitetura sacra africana estão localizados na cidade alta de Luanda, como a primeira Sé Catedral de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1590 e demolida no século XIX.

Como se pode observar na Figura 19, abaixo, a Igreja foi concebida com uma fachada constituída por dois níveis de pavimentos, sendo um mezanino e uma parte reservada para missa e um púlpito central, a fachada principal composta por elementos harmônicos e com uma estrutura imponente, duas torres nas laterais com uma curvatura na parte superior central de entrada como elemento decorativo. A curva representa uma quebra de simetria das linhas retas, central da vista frontal, rasgada por três vãos de arcos de curvatura perfeita, correspondendo as três portas e duas janelas de varandim, e com elementos oculares circular central.

Figura 20 - Primeira Sé Catedral da Nossa Senhora da Conceição (Luanda).



Fonte: SIPA-Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico

A parte da estrutura interna da Igreja como pode ser observado na figura 21, abaixo, está composta por dois púlpitos centrais confrontantes e tribunas ou naves espaçosas, superiores curvos no centro, submetido por arcos vazados, todos constituídos por guarda corpo metálicos. O retábulo era feito de talha neogótica, tem corpo de estrutura retangular com um corpo torreado central ligando sacrário, nicho e templete, coroado por coruchéu²⁹.

Figura 21- Interior da Sé Catedral da cidade de Luanda



Fonte: SIPA- Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico

²⁹ Coruchéu é a última parte superior de uma torre em forma de cone. Construções típicas e muito frequente no Norte da Europa Central.

Figura 22 Interior da Sé Catedral da Cidade de Luanda³⁰



Fonte: SIPA, Sistema de Informação para Patrimônio Arquitetônico

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construída com materiais locais e depois reformada, sendo fortificada posteriormente com elementos de concreto armado. Sua construção data no século XVII, abrigando neste período o Convento do Carmo e servindo como espaço para realização de cultos.

A estrutura que anteriormente foi pintada na cor branca, viu a sua cor ser mudada depois da reforma, recebeu a cor rosa em toda suas fachadas. O Alçado principal é caracterizado pelo frontão de empena triangular, onde o brasão chama a atenção por ser elemento decorativo representativo na época. Tendo uma cruz na sua parte superior central.

Na fachada da Figura 23, ainda podem ser observados que os cunhais,³¹ construídos ou feitos de cantaria. Na porta principal é notável a imagem da Nossa

³⁰ A estrutura da composição do forro foi feita com ripas de madeira.

³¹. É uma técnica muito usual na arquitetura colonial, ou seja, é um sistema construtivo feito de pedra para ligação de duas fachadas fornecendo maior resistência a estrutura.

Senhora, cercada por duas janelas pequenas. A Igreja é também constituída por uma única lâmina retangular e coberta por abóbadas de canhão.

Figura 23- Igreja da Nossa Senhor do Carmo



Fonte: Sistema de Informação para Patrimônio Arquitetônico

Figura 24 - Igreja da Nossa Senhora do Carmo- Pintura Branca



Fonte: Sistema de Informação para Patrimônio Arquitetônico (1660 a 1689)

Figura 25 - Igreja da Nossa Senhora do Carmo- Pintura Rosa

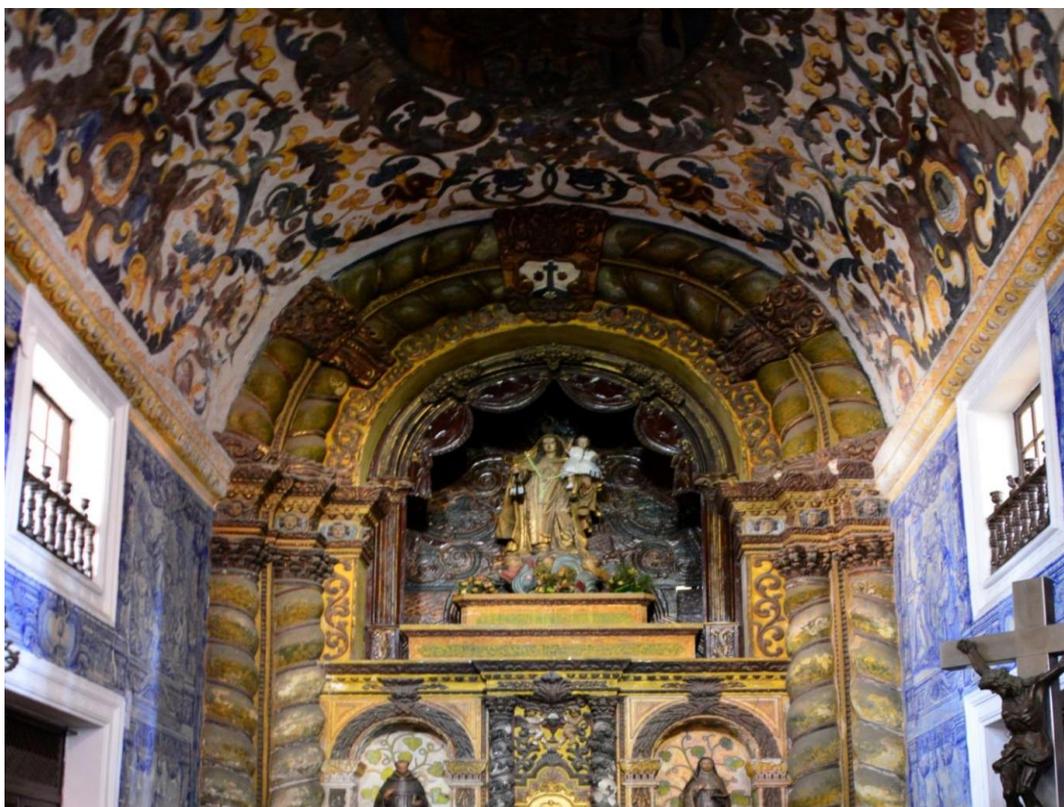


Fonte: Sistema de Informação para Patrimônio Arquitetônico

Um dos elementos mais emblemáticos e chamativos é o forro ou teto falso da igreja, pintada com fitomórficos³² e com painéis que representam santos. Outro elemento valioso da decoração é o conjunto de azulejos vindos de Lisboa do século XVIII, com tonalidades na cor azul e branco, cobrindo as paredes internas da igreja, formando desse modo elementos que representam aspectos da vida de Santa Teresa e São João da Cruz.

³² Estrutura semelhante a uma planta.

Figura 26- Altar Barroco com nossa senhora do Monte Carmelo



Fonte: Sistema de Informação para Patrimônio Arquitetônico

A igreja da Nossa Senhora do Cabo, foi construída junto a Ilha de Luanda em 1651, sendo que a sua vista principal em formato triangular com ordenamento de elementos curvos, típico da característica das igrejas portuguesas construídas na Índia. Como podemos observar na Figura 26, abaixo.

Figura 27- Igreja da Nossa Senhora do Cabo.



Fonte: Jornal de Angola

Figura 28- Interior da Igreja da Nossa Senhora do Cabo



Fonte: Jornal de Angola

A igreja de Jesus em Luanda teve a sua construção iniciada no ano de 1605, tendo sido construída pelos primeiros Jesuítas que residiam em Angola. Sua estrutura é reconhecida por ser uma das mais emblemáticas obras religiosas da arquitetura Barroco já feita em Angola, de acordo com a figura 29 da imagem abaixo.

Figura 29- Igreja de Jesus na cidade de Luanda



Fonte: Martins (2009)

1.7 ARQUITETURA DENOMINADA CIVIL

A invasão portuguesa em Angola trouxe consigo toda uma transformação no setor social, econômico e na infraestrutura do país, alterando toda uma dinâmica da vida.

A inserção da arquitetura aqui, que ousamos denominar por civil, pelos portugueses começa no século XVII, com construções de características peculiares tais como: formas extremamente robustas, seguida de linhas simples, de construção pesada e maciça ou brutal, possuindo uma certa rigidez e solidez em sua estrutura.

Essas edificações podem ser encontradas na Av. dos Restauradores e na Rua Salvador Correia. O período do maior requinte da arquitetura doméstica foi no reinado de D. João V (1707-1750).

Uma das estruturas com maior destaque é o Palácio-Geral dos Governadores, que hoje abriga o Palácio Presidencial, por ser uma obra com elementos histórico-arquitetônicos, construído em 1607 e que foi apreciada com a reforma promovida na época pombalina. No século XX teve a intervenção do arquiteto Fernando Batalha, com projeto para adequação a uma nova estrutura³³ como podemos observar na figura abaixo 30³⁴.

Figura 30 - Palácio Presidencial de Luanda.



Mateus(2021)

³³ Martins, 2000.

³⁴ Palácio Presidencial de Luanda, hoje ordenado como Patrimônio Histórico-cultural de Angola.

Importante salientar que durante o século XVIII, já se encontravam na cidade de Luanda importantes edifícios com estética arquitetônica notável, desde as residências com um pavimento térreo, aos edifícios com primeiro andar, erguidos no Largo de D. Fernando, até a casa dos Lencastre, o Palácio dos Fantasma e o Palácio D. Ana Joaquina.

Entretanto, boa parte dessas construções já não se fazem presente, ou seja, foram demolidas para a construção de novas infraestruturas e a necessidade de modernizar a capital de Angola.

Toda arquitetura empregada em qualquer região, sempre terá seu histórico, e com certeza, este fato não deixa de ser comum ao da cidade de Luanda, no que concerne à arquitetura civil.

As coberturas de folha ou água (como designado em arquitetura) ou também os conhecidos tetos de tesoura, são características muito similares aos empregados nas construções orientais.

A peculiaridade dessas coberturas está no fato destes permitirem um sistema de ventilação cruzada, nas regiões mais quente, deixando, deste modo, os ambientes mais frescos. São construídos em formato de pirâmides quadrangular, com a inclinação acentuada e pontuda, e geralmente com telhas de canudo e beiral normalmente revirado.

Comumente, as coberturas das residências eram formadas na sua maioria por telhados de quatro águas, normalmente juntos e alinhados ao perfil horizontal da fachada do edifício, e esses, por sua vez, correspondendo a cada cômodo da casa, ou seja, pelo telhado era possível que se tivesse a ideia do número de cômodos que constituíam a residência. Atualmente, as residências da época colonial estão localizadas na Rua Frederick Engels como se vê nas figuras 31 e 32 abaixo, no Largo do Baleizão e na Rua Direita na cidade de Luanda.

Figura 31- Edifício na Rua Frederick Engels



Fonte: Zangui (2010)

Figura 32- Museu da Antropologia na Rua Frederick Engels



Fonte: Zangui (2010)

Figura 33- Edifício colonial na Rua Frederick Engels



Fonte: Zangui (2010)

Figura 34- Casa no Largo Matadi com elementos decorativos na fachada



Fonte: Zangui (2010)

Figura 35- Casa com quatro águas na Rua Franciso das Necessidades



Fonte: Zangui (2010)

Figura 36- Sobrado de um andar na Rua Pedro Felix Machado



Fonte: Carlos (2004)

Figura 37- Vista superior do Palácio do Governo de Angola



Fonte: <http://www.angolabelazebelo.com/wp>

Figura 38- Vista frontal do Palácio de Angola



Fonte: <http://www.angolabelazebelo.com/wp>

Figura 39- Vista Geral do Palácio de Angola



Fonte: <http://www.angolabelazebelo.com/wp>

Figura 40- Palácio Dona Ana Joaquina, na Rua Direita-Luanda



Fonte: <http://www.angolabelazebelo.com/wp>

Figura 41 - Palácio de Ferro de Luanda na Rua Direita de Luanda



Fonte: Carvalho (2013)

Figura 42- Instituto do Património Cultural na Rua Direita



Fonte: Carvalho (2013)

Figura 43- Instituto de Formação Bancária de Angola³⁵



Fonte: Carvalho (2013)

Figura 44- Jornal de Angola na Rua Rainha N'zinga



Fonte: Carvalho (2013)

³⁵ Antigo Banco Ultramarino na Rua da Alfândega

Figura 45- Alfândega de Angola na Rua da Alfândega



Fonte: Martins (2015)

Figura 46 -Hospital D. Maria Pia na Rua do Primeiro Congresso do MPLA



Fonte: Martins (2022)

Figura 47- Sobrado de Abílio de Albuquerque na Rua Direita de Luanda



Fonte: Martins (2009)

Figura 48 -Sobrado na Rua Direito estilo Clássico



Fonte: Martins (2004)

Figura 49- Sobrado Baleizão na Rua Rainha N'ginga



CAPÍTULO 2

2.1 O PERÍODO DO MOVIMENTO MODERNISTA NO MUNDO

Uma das figuras apontadas como sendo um dos criadores do Movimento Moderno no mundo foi William Morris, que, a partir das suas influências ideológicas, juntamente com o Movimento Artes e Ofícios, que, na tentativa de contrapor à linguagem da produção industrial imposta na época, propôs uma reforma cujo intuito era transformar ou inserir na sociedade novas maneiras de pensar e um novo olhar sobre o *design*.

Trata-se de um período marcado por inúmeros conflitos originados da revolução industrial que a Europa vivia e causados pelo sistema econômico, que se expandiu para outras partes do mundo. Na realidade, a classe dominante, por meio da prática de exploração da população mais pobre, conseguiu elevar-se à condição de nobreza, enquanto a população da classe baixa foi forçada a permanecer nas piores condições de habitabilidade, sem oportunidades de prosseguir com o sonho de uma vida digna.

Entre 1898 e 1914, os arquitetos urbanistas britânicos Barry Parker e Raymond Unwin, no sonho de poderem transformar o mundo e mudar o momento que se vivia, criam a primeira cidade jardim³⁶.

É necessário frisar que a expressão “moderna” é tida como antônimo de antigo, deste modo, passou a ser utilizada como uma palavra contemporânea e, no tema aqui em relevo, salienta-se que a arquitetura moderna é totalmente diferente da arquitetura contemporânea. O Cubismo foi um dos elementos que influenciou extremamente a arquitetura moderna, desde a concepção da forma arquitetônica, até a criação das linhas retas que compõem as fachadas das edificações, preservando sua valorização.

³⁶ Parker, *The art of building a home*, 33-46.

Figura 50- Subúrbio de Hampstead Garden-Londres



Kemp (2023)

Figura 51- Vista do subúrbio de Hampstead Garden-Londres



Kemp (2023)

Na Alemanha, Walter Gropius, um grupo contrário às ideias do movimento de Artes e Ofícios, recriando uma nova visão urbanística, apresentando a importância da industrialização na arquitetura, atrelada à uniformização, impulsionou a projeção de formação mais racional, com um olhar bastante atencioso para a funcionalidade baseada em um sistema industrial coerente.

Para o arquiteto alemão Ludwig Mies van de Rohe (1886-1969), a ornamentação não deveria seguir todo rigor para os projetos de arquitetura e urbanismo, deveria ser eliminada; que os espaços deveriam ser livres e mais flutuantes, para permitir uma melhor adesão aos espaços e na melhoria da sua utilização. De Rohe, tornou-se, desta maneira, um dos grandes personagens na revolução do uso de materiais industrializados, sem seguir a lógica ornamentista, bem como no uso de materiais pré-fabricados, incorporando em seus projetos o uso do sistema de pilares, vigas e lajes como materiais para cobertura.

Através de olhares de outros arquitetos, novos estudos e novos sistemas construtivos vão emergir, com especial notoriedade, os projetos e obras de edificações que vão incorporar construções de grandes volumes em balanço e vão de maior, como podemos observar na figura 52 abaixo, da estrutura do MASP, projeto da arquiteta brasileira Lina Bo Bardi e na figura 53, da sede da Bacardi, em Cuba, projeto do arquiteto Mies van de Rohe.

Figura 52- MASP- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand



Fonte: Luiz (2022)

Figura 53- Sede da Bacardi em Cuba



Fonte: Doyle (2015)

A carta de Atenas, assinada em 1933, foi um instrumento importante que se viabilizou a partir das conclusões obtidas no IV CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, em que foram discutidos temas relacionados com a cidade e região; críticas avaliativas, com o intuito de dar atenção especial às condições de habitabilidade (lembrando as péssimas condições de salubridade nos ambientes habitacionais na época); espaços de convívio social; áreas verdes e de circulação; patrimônio arquitetônico e histórico da cidade, com enfoque nos pontos da doutrina.

Esses elementos ou princípios foram os indutores da reconstrução das cidades europeias depois da segunda guerra mundial, que havia destruído muitas infraestruturas naquele continente e, que mais tarde foi difundido para outras regiões do mundo.

O modelo não foi tão perfeito, pois consigo vieram os problemas de tráfego, pois era um sistema muito dependente do uso de veículos, porém, atualmente as cidades têm se adequando e se requalificando para esse modelo urbano, com princípios de maior adensamento e mais alternativas para caminhar pela cidade.

Figura 54- Cidade de Brasília



Fonte: Braga 2018

Figura 55 -Arco do Triunfo-Barcelona



Fonte: Stegani (2021)

Figura 56- Avenida Las Ramblas-Barcelona



Fonte: Stegani (2021)

Figura 57- Praça no centro da Cidade do Cabo-África do Sul



Fonte: Tolfo (2015)

Figura 58- Casas coloridas na Cidade do Cabo-África do Sul



Fonte: Tolfo (2015)

Figura 59- Park Avenue - Nova York



Fonte: Louis (2013)

Figura 60 - Wall Street- Nova York



Fonte: Louis (2013)

Figura 61 – Jin'an temple- Shanghai, China



Fonte: Zhang (2017)

Figura 62 – Rua comercial em Shanghai, China



Fonte: Zhang (2017)

2.2 O PERÍODO DO MOVIMENTO MODERNISTA EM ANGOLA

O movimento moderno em Angola, teve as suas raízes fincadas em Portugal, por ser o país formador dos seus primeiros profissionais, onde se deu sua emergência ou seu início, por meio da literatura e manifesto e publicações feitas por via de revista privadas e exposições em conferências internacionais.

Portanto, sem muito sucesso, esse movimento ou manifestações viram seus passos frustrados por se tratar de um período em que a população portuguesa era mais conservadora e com um alto número de analfabetismo, preferindo dessa maneira permanecer com as ideias da monarquia do que com os pensamentos dos republicanos, enfraquecendo desse modo a adesão aos encontros, pelos artistas.

Portanto, não houve grande evolução urbana durante o surgimento desse movimento, tudo porque o país se encontra com problemas financeiros, o que influenciou no não-surgimento de investimentos que pudessem turbinar os novos

modelos da arquitetura moderna, e o que se foi construindo, seguiu os padrões do classicismo.

Somente no final do Estado Novo, por volta de 1920 em Portugal, serão observadas construções de edificações com as características modernas da Europa, atreladas às formas do nacionalismo e vinculadas ao António de Oliveira Salazar. Nos meados de 1950 este movimento cresce e ganha mais espaço dentro da cidade de Lisboa e nas colônias. É neste período que alguns arquitetos serão notabilizados pelas suas ambições e projeções como é o caso do arquiteto Siza Vieira, em Portugal.

Uma boa parte dos integrantes da Organização dos Arquitetos Modernos do Porto (ODAM) eram ex-alunos da Universidade do Porto que, com seus materiais, participaram no Congresso realizado em 1948. Vários deles ousaram questionar sobre as propostas da arquitetura moderna impostas pelo arquiteto Le Corbusier, suscitando dessa uma maneira um grande interesse em trabalhar as questões dos princípios da arquitetura moderna.

A realização do Congresso em 1948 pelos profissionais de arquitetura portuguesa, teve como pauta, debater os novos modelos de arquitetura moderna ao nível nacional, incluindo a problemática habitacional, o urbanismo, sem excluir os interesses de Portugal nas suas colônias, o que permitiu a pauta fosse mais abrangente. Durante as reuniões, foi proposta a criação de gabinetes ou setores de atuação com a finalidade de gerenciar e fiscalizar as obras a serem executadas. Sendo assim, a cidade de Luanda ganha o Gabinete de Urbanização Colonial encabeçado pelo arquiteto Fernando Batalha, isto entre os anos de 1950-1955³⁷.

Portanto, a Carta de Antenas, ganha a sua versão traduzida em português entre os anos de 1948 e 1949, pelo arquiteto Francisco Castro Correia, instrumento valiosíssimo que irá nortear as maneiras de se executar ou trabalhar a arquitetura e o urbanismo. Doravante, essa tradução demonstrou, mais uma vez, o interesse que os arquitetos portugueses tinham na arquitetura moderna. A tradução, feita pelo arquiteto

³⁷ Fonte, 2007.

Francisco Castro Correia, teve a participação de Maria de Lurdes Rodrigues, e depois foi publicado na *Revista Arquitetura* em 1948 e 1949.

Em agosto de 1951, foi editado em Portugal o Decreto-Lei nº 38382, que visava alterar o Regulamento das Edificações Urbanas, tendo como elemento norteador os princípios da Carta de Atenas. O uso da Carta de Atenas como instrumento considerado para essa alteração, significava certa preocupação com a qualidade habitacional e urbanística, com vistas a implementar maior qualidade de moradia para os cidadãos.

Importante pontuar, que o Movimento Moderno desembarcou na cidade de Luanda por meio de projetos urbanísticos realizados pelo Gabinete de Urbanização Ultramar e as restantes Direções que muitas das vezes foram responsáveis por coordenar Planos Urbanísticos e projetos de modernização realizados pelos arquitetos saídos das diversas Universidade portuguesas, uma boa parte desses eram oriundos da Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto.

2.3 VASCO VIEIRA E A ARQUITETURA EM ANGOLA

Entre os jovens arquitetos portugueses que desembarcaram no continente africano, com desejo de realizarem e produzirem suas atividades arquitetônicas. Depois de um período de muita contradição na inserção dos novos estilos de arquitetura moderna na cidade de Lisboa, o arquiteto Vasco Vieira da Costa vai se destacar como o mais importante dentro desse grupo, pelo seu conhecimento notável no traçado e na concepção de ideias.

Nascido na cidade de Aveiro, em 12 de março de 1911, Vasco foi levado para Angola, ainda na adolescente. Após ter concluído o liceu, resolveu dar continuidade aos estudos, mas em Angola não havia cursos universitários na área de engenharia, Vasco considerou mudar-se para Alemanha a fim de cursar a faculdade de Engenharia Civil, entretanto, por situações financeiras, viu seu projeto ou o sonho fracassado.

Por outro lado, por ter atuado como agrimensor, profissão que lhe permitiu realizar muitas viagens. o futuro arquiteto obteve conhecimento vasto do território angolano.

Um de seus primeiros registros como interventor na área de urbanismo e construção encontra-se representado nas Figuras 63 e 64, a Feira de Exposição de Angola, realizada em 1938, evento realizado e articulado pelo então Governador-Geral de Angola, o Coronel António Lopes Mateus.

Pelo material obtido durante o processo de pesquisa, constatou-se que Vasco Vieira da Costa teve participação direta nas obras realizadas durante a exposição, iniciadas em outubro de 1937, como “chefe dos serviços técnicos”, atividade em que colecionou elogios aos trabalhos prestados na idealização do esboço que deu origem à implantação do certame³⁸.

Figura 63- Feira de Exposição de Angola 1938

Fonte: Costa (1910)



Fonte: Costa (1910)

³⁸. Fernandes, *Geração Africana*, 85.

Figura 64 - Feira de Exposição de Angola 1938



Fonte: Costa (1910)

O esforço implementado durante a sua participação no evento, rendeu-lhe como prêmio bolsa de estudos para cursar Arquitetura na ESBAP, em 1940³⁹.

Após a conclusão do curso de arquitetura na ESBAP, Vasco Vieira foi aconselhado pelo seu então professor, Carlos Ramos, a ir integrar a University College London, a fim de estudar Urbanismo com Leslie Patrick Abercrombie.

No entanto, naquele período a capital inglesa encontrava-se sob constantes ataques de mísseis do tipo V1 e V2 alemães, o que, conseqüentemente, mais uma vez frustrou os planos de Vasco Vieira. Ele, então, resolveu ir para Paris, onde ficou por um período aguardando pelo cessar do fogo na capital inglesa; mas a situação prolongou-se mais do que se imaginava, obrigando-o a fixar-se na capital francesa, onde aproveitou para se matricular no Instituto de Urbanismo da Faculdade de Ciência de Paris, no dia 29 de novembro de 1945.

³⁹ Quintão, "Vasco Vieira da Costa 1911-1982", 138

Seu encontro com o então Diretor da Escola do Porto, Professor Francisco Joaquim Lopes (1886-1956), facilitou sua conexão e comunicação com o Diretor do Instituto Francês em Portugal, bem como com o Presidente do Instituto da Alta Cultura, o que proporcionou relevo às peculiaridades do Vieira de maneira que este tivesse acesso a todos os benefícios relacionados ao regimento de bolseiro do Governo Francês, facilitando a sua aquisição de conhecimentos.⁴⁰

Destaque-se que foi durante esta época que o arquiteto Vasco Vieira da Costa iniciou seu estágio no estúdio de Le Corbuier. É necessário pontuar que, durante a pesquisa e no material obtido, não foi possível encontrar informações da sua participação em projetos ao longo da sua passagem pela Rue de Sévres.

Este período é também importante por ser uma fase marcada pela execução de projetos no âmbito urbanístico neste gabinete, tais como: planos de urbanização de Saint-Gaudens (1945), de Saint-Dié (1945-1946), de La Rochelle La Pallice (1945-1947). Houve ainda outros projetos que foram desenvolvidos pelo mesmo gabinete ao longo deste período como, a Unité d'habitation em Marselha (1945-1952).

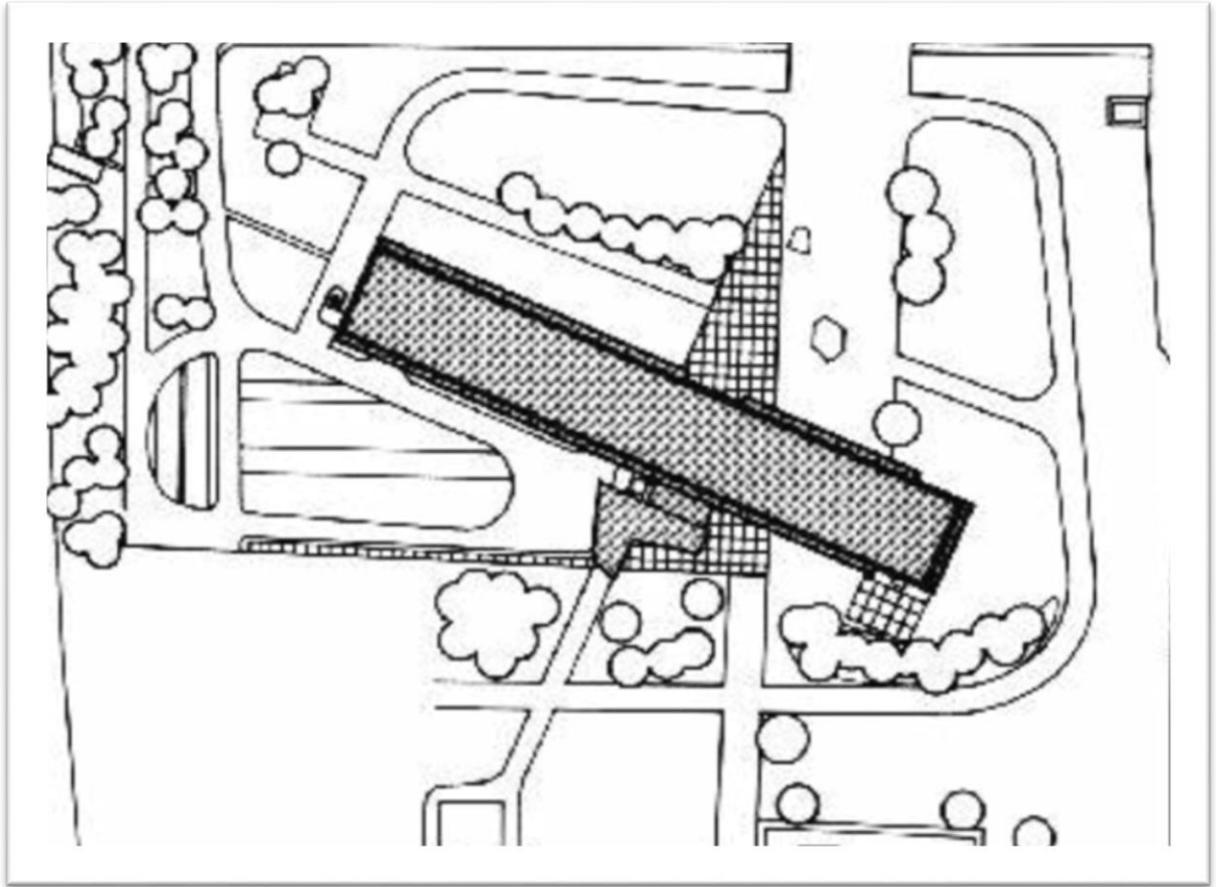
Foi nesta última produção que o arquiteto Vasco se inspirou, justamente por ser um edifício com elementos e instrumentos de morfologia necessárias à concepção e organização espacial dos planos urbanos produzidos no ateliê onde realizou seu estágio⁴¹.

Durante a sua estadia no território parisiense, Vasco Vieira foi também distinguido com prêmio urbanístico organizado pela Câmara Municipal do Porto referente ao Bial de 1944 a 1945, porém tal congratulação só lhe foi entregue em 1947.

⁴⁰ Quintão, "*Vasco Veira da Costa 1911-1982*", 138

⁴¹ *ibid*

Figura 65 - Unité d'habitation em Marselha.⁴²



Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

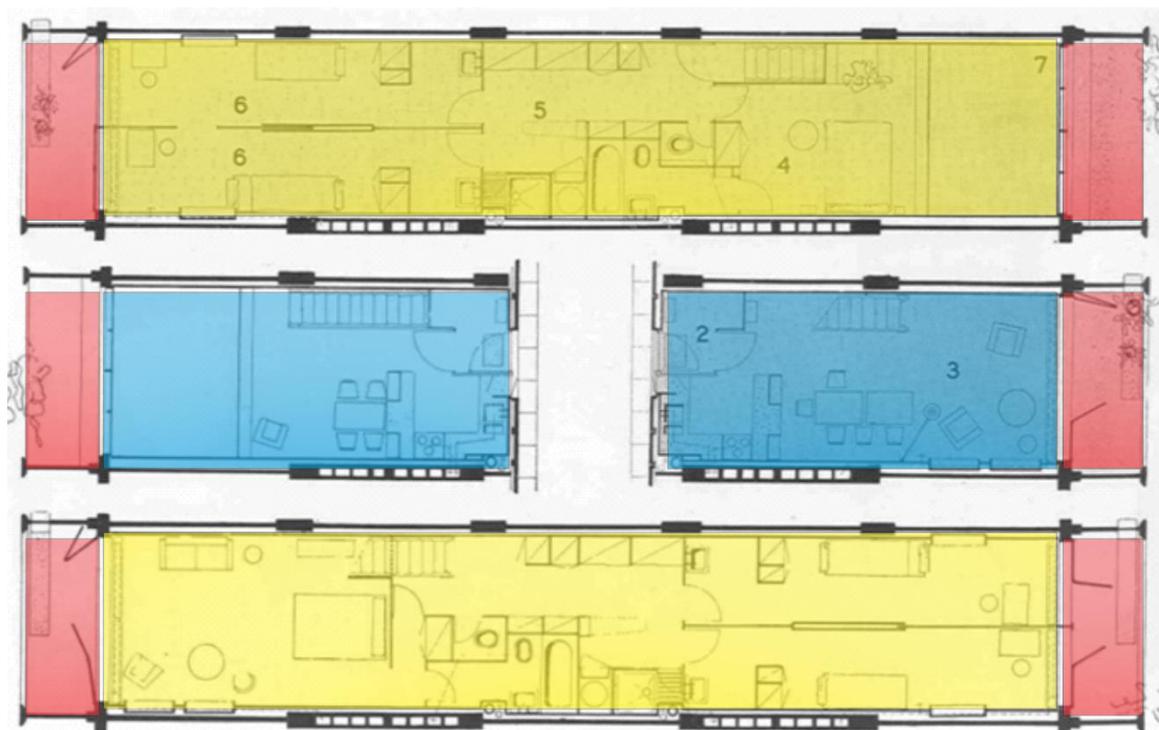
⁴² Planta de Implantação da unidade habitacional de em Marselha projetado pelo arquiteto Le Corbusier (1945-1952).

Figura 66 - Unité d'habitation em Marselha-Fase de construção (1945-1952)



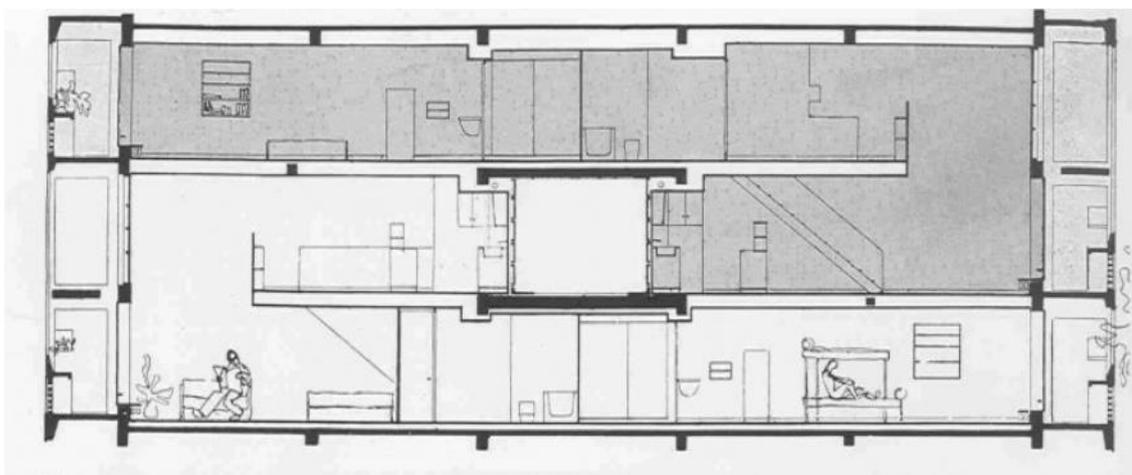
Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

Figura 67 - Planta das unidades habitacionais (1945-1952)



Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

Figura 68- Vista em Corte das unidades habitacionais



Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

Figura 69 - Fachada principal



Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

Figura 70 - Interior das unidades (apartamento)



Fonte: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br>

Figura 71- Vasco Vieira da Costa e sua esposa Barbara Gratz



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luanda>

Figura 72 - Le Corbusier e André Wongensky



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luanda>

2.4 VASCO VIEIRA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA EM ANGOLA

Semelhante ao que ocorreu no Brasil na compreensão dos modelos (ou por escassez de exemplares) a institucionalização da ciência no país passa necessariamente, por um olhar mais aprofundado no conhecimento da história.

Portanto, pode se assegurar que esta lacuna se fazia sentir nas outras metrópoles em desenvolvimento, tais como Angola, Moçambique e assim como em outros países.

Somente na década de 1970, quando se verificou uma certa efervescência na vontade de se ultrapassar barreiras na sociedade colonial, sobretudo no setor da arquitetura e urbanismo, desencadeando questionamentos de suma importância sobre o tipo de urbanismo produzido nos trópicos.

Em 1974, o arquiteto Vasco Vieira da Costa, recebeu a oportunidade de tornar-se funcionário na Secção do Sindicato Nacional dos Arquitetos de Angola, pela indicação do arquiteto Francisco Castro Rodrigues⁴³.

No entanto, será neste momento que o Vasco terá um breve encontro com o então Reitor da Universidade de Angola Ivo Ferreira Soares e o Ministro da Educação José Veiga Simão, este último que de imediato vai formalizar um convite para criação e formulação do plano curricular do curso de arquitetura e urbanismo em Angola, seguindo os mesmos passos já dados pelo país irmão Moçambique.

Por se tratar de uma tarefa complexa, o arquiteto, teria criado uma equipe de arquitetos para trabalhar na criação do corpo do curso, formada por Troufa Real, Manuel Correia Fernandes, Júlio Saint-Maurice entre outros. Apesar da empolgação na criação do curso, Vasco Vieira da Costa tinha algumas objeções em relação ao plano, considerando que este era muito semelhante ao que estava sendo produzido na província de Lourenço Marques, que seguia praticamente o mesmo modelo executado em Portugal⁴⁴. A intenção de Vasco era formular um plano de curso totalmente diferenciado do aplicado nas demais cidade ligadas ao modelo português.

⁴³ Rodrigues, *“Um Cesto de Cereja” Casa de Achada-Centro Mario Dionisio, 2009, 446.*

⁴⁴ Arquiteto Vieira da Costa, *“Vasco Vieira da Costa, Arquiteto Angolano (1911-1982)”*,

Sua proposta se concentrava na criação de um Instituto de Urbanismo com parâmetros voltados à formulação de um projeto curricular mais extensivo, que não se limitasse somente nas áreas de graduação, mas que pudesse se estender para a pós-graduação e especialização.

O programa estava fundamentado e organizado em seis pilares a saber: elaboração de atividades que submetessem os alunos ao experimento e pudesse ser desenvolvida em grupo ou individualmente; adequação equilibrada entre o ensino teórico e baseado na prática; elaboração de seminários que seriam apresentados pelos estudantes; concepção de disciplinas por um conselho de professores com formação pedagógica, indicado pela diretoria; conjunto de disciplinas integradas e supervisionadas e, finalmente, participação efetiva na gestão escolar pelos alunos. Este último era visto uma forma inclusiva e revolucionária dos estudantes no programa.

Contudo, diante do monitoramento e da supervisão pelos quais Angola passava, mesmo após a independência, em 1975, o governo português interferiu na implementação do projeto, não autorizando sua realização. Porém, mesmo com a interferência externa, já em 1979, Vasco Vieira da Costa contou com o apoio e resistência do governo recém-chegado ao poder para idealização do seu plano de ação.

E assim, Vasco foi convocado por Augusto Lopes Teixeira⁴⁵ e Ambrósio Lukoki⁴⁶ para efetivação do projeto e inauguração do Curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola (FEUA).

Seus companheiros e amigos fizeram parte do grupo que liderou o programa do primeiro seminário, planejado para decorrer entre os dias 20 e 25 de agosto de 1979, entretanto as jornadas só foram realizadas nos meses de setembro e outubro daquele ano.

⁴⁵ Augusto Lopes Teixeira Então Reitor da Universidade de Angola em 1979.

⁴⁶ Ambrósio Lukoki Ministro da Educação do Governo Angolano entre 1977 e 1980, depois da independência da República Popular de Angola.

A realização do seminário tinha como finalidade, apresentar aos participantes as primeiras impressões e hipóteses do cronograma de funcionamento do curso, formar o corpo docente e estabelecer o plano curricular. A participação no seminário foi estendida aos convidados que na sua maioria eram angolanos e algumas autoridades tradicionais (Sobas⁴⁷), assim como, autoridades governamentais.

Devido à sua passagem pela Escola do Porto e por ter se destacado como um dos melhores estudantes naquela instituição de ensino, Vasco Vieira vai aproveitar-se dessas relações para convidar alguns professores da ESBAP para auxiliarem na construção geral do programa do curso.

O intercâmbio entre a ESBAP e FEUA permitiria a qualificação e aprimoramento dos professores de Angola durante as trocas de experiências entre as duas instituições, porém, alguns docentes da Escola do Porto passaram a deslocar-se para Luanda como colaboradores, entre eles se destacaram: Alexandre Alves Costa, José Manuel Soares, Júlio Saint-Maurice, Henrique de Carvalho, Luiza Brandão, Maria Manuel Pinto de Oliveira, entre outros.

Em anexo segue alguns documentos formais digitalizados de cartas recebidas pelos arquitetos Manuel Correia Fernandes e Alexandre Alves da Costa entre 1979 e 1982 para criação do curso de arquitetura em Angola.

⁴⁷ Nome usada para autoridade, chefe de aldeias Angola, desde tempo pré-colonial até aos dias atuais.

Figura 73 - Cartas digitalizadas


REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

a) _____ UNIVERSIDADE DE ANGOLA - GABINETE DO REITOR _____

Exmo. Senhor Arquitecto
MANUEL COELHO FERREIROS
Rua Aires de Ornelas 15/2/c

PORTO - PORTUGAL

N.º referência: _____ N.º comunicação: _____ N.º protocolo: 2912/2011 Casa Postal: _____
22 51 979

ASSUNTO: _____

Estando a República Popular de Angola decidida a apelar a fase de Reconstrução Nacional e a criação das infraestruturas técnicas e humanas que possam garantir o desenvolvimento do País, o Governo da R.P.A. propõe-se pôr em funcionamento o Curso de Arquitectura.

Considerando o facto de não existirem experiências neste domínio e havendo a necessidade de uma troca ampla de impressões e conhecimentos sobre esta problemática, vem a Reitoria da Universidade de Angola planificando a realização de um encontro entre vários especialistas com o objectivo de em debates e relóquios possibilitar informações que nos cedam a propostas para a materialização das preocupações que temos neste domínio.

Azina tem a Reitoria da Universidade de Angola o grato prazer de o convidar a participar nesses debates sobre a programação do Curso de Arquitectura.

Esta convite é também um agradecimento à forma sincera já demonstrada pelo Senhor Arquitecto em estar disposto a ajudar o povo Angolano a superar as grandes dificuldades com que se debate.

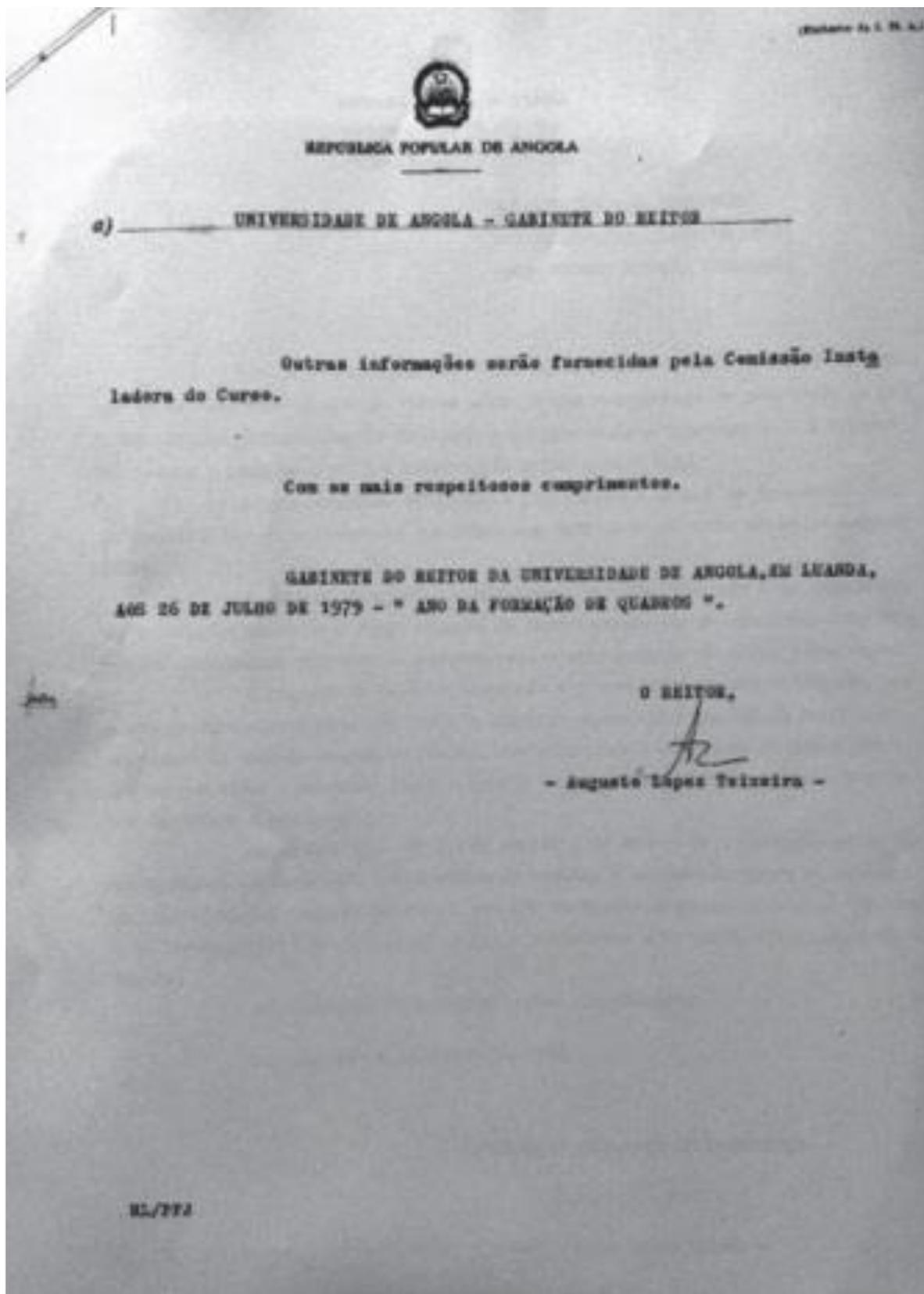
Azina é nessa ideia destinar a semana que vai de 22 a 25 de Agosto para os debates e relóquios.

.../...

aj. Ministério, Direcção, Repetição de Serviço. P. C. - 2 - 44 - 20-90 - 2

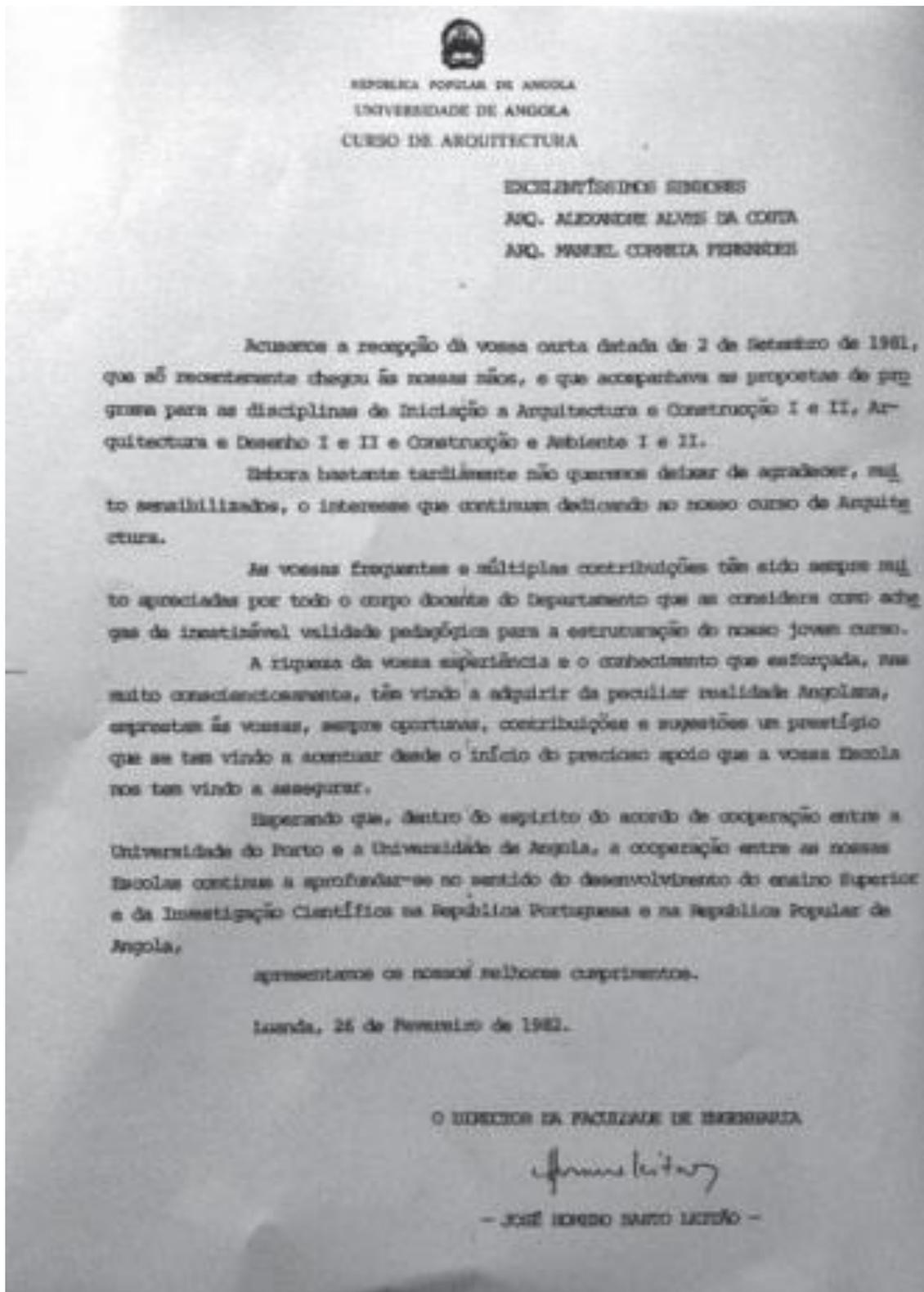
Fonte: Cruz (2012)

Figura 74 - Cartas digitalizadas



Fonte: Cruz (2012)

Figura 75 - Cartas digitalizadas



2.5 UM PROJETO MODERNO ‘O MERCADO DO KINAXIXE’

O projeto foi construído no terreno anteriormente conhecido como Largo dos Lusíadas e que depois passou a ser denominado por Largo do Kinaxixe, o nome que então viria a ser dado ao mercado.

No local também foi erguida uma estátua no estilo do Art Déco, em 1937, em homenagem aos militares africanos e europeus que tombaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ao longo deste conflito, houve algumas resistências no Sul de Angola juntamente com o país vizinho Namíbia, na época colônia alemã.

O local também abrigava a antiga e mais importante Avenida da cidade de Luanda denominada Avenida dos Combatentes (atualmente conhecida como Comandante Valódia), acompanhando de maneira gradual o crescimento e surgimento de novas infraestruturas na cidade.

A inauguração da obra do mercado aconteceu em 1958, numa região cujo entorno era pouco desenvolvido, onde havia ainda muita área verde, a edificação delimitava o quarteirão que era extremamente menor em comparação ao padrão atual de lotes.

A orientação principal se dava pela fachada Sul, tida como a frente do prédio, que se comunicava diretamente com a praça. Nos anos que se seguiram, novos vizinhos foram surgindo, valorizando ainda mais a região, o que facilitou um certo desenvolvimento ao longo da Avenida dos Combatentes. Obras como o antigo edifício dos antigos Serviços de Agricultura no ano de 1970, tido como um dos limites físicos do setor Este da praça dos Lusíadas.

O aspecto urbanístico e arquitetônico do local foi se reestruturando e ganhando mais embelezamento com execução de obras importantes ao longo da malha urbana do bairro. Uma das obras mais relevantes foi a do Museu de Angola, hoje chamado como Museu Nacional de História Natural de Angola, construído em 1956, mais tarde ergueu-se a laminada de habitação coletiva, também demolida.

Figura 76-Largo Kinaxixe-Luanda



Fonte: Manuel (1995)

Figura 77- Ruas de Luanda



Fonte: Bastos (2010)

2.6 PROJETO ARQUITETÔNICO

Conforme abordado nos parágrafos anteriores, o Mercado do Kinaxixe, é descrito como a primeira grande obra concebida e projetada pelo arquiteto Vasco Vieira da Costa em Angola.

O projeto foi concretizado entre 1950-1952, a obra foi executada pela empreiteira Castilho Limitada, Engenheiros e Arquitetos, empresa do engenheiro Antônio Castilho e do seu filho arquiteto João Garcia de Castilho, que concluiu a obra seis anos mais tarde.

Suas características arquitetônicas, chamam atenção pela sua composição volumétrica em formato retangular de betão armado, dando a leitura de uma obra brutal, porém, com cem metros de comprimento por sessenta de largura e a estrutura suspensa, permitindo maior permeabilidade e acessibilidade dos usuários no entorno do edifício.

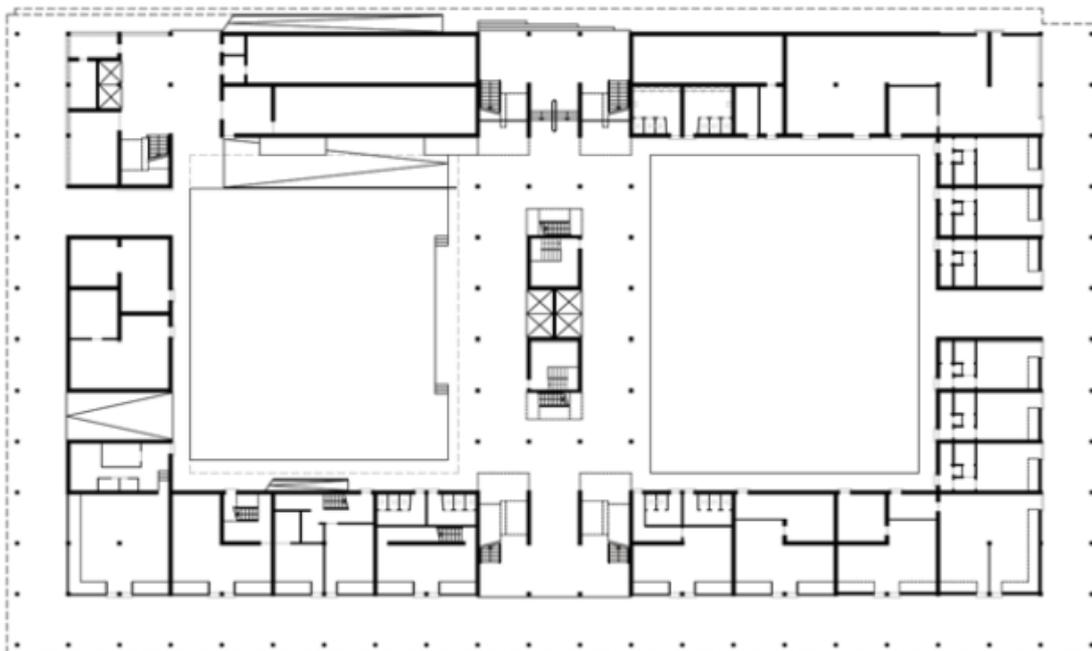
O prédio se adapta a uma inclinação 11° (3%) do terreno, o que levou o arquiteto a pensar num bloco suspenso que cria circulação ampla entre a rua e o prédio.

A projeção do mercado atendia a lógica projetual defendida pelo arquiteto Vasco Vieira na Cidade Satélite Nº3.

“As fachadas que apresentam as melhores condições de habitação, devem ser expostas a Norte e Sul (...) A mais longa fachada deve seguir a direção Leste-Oeste”⁴⁸.

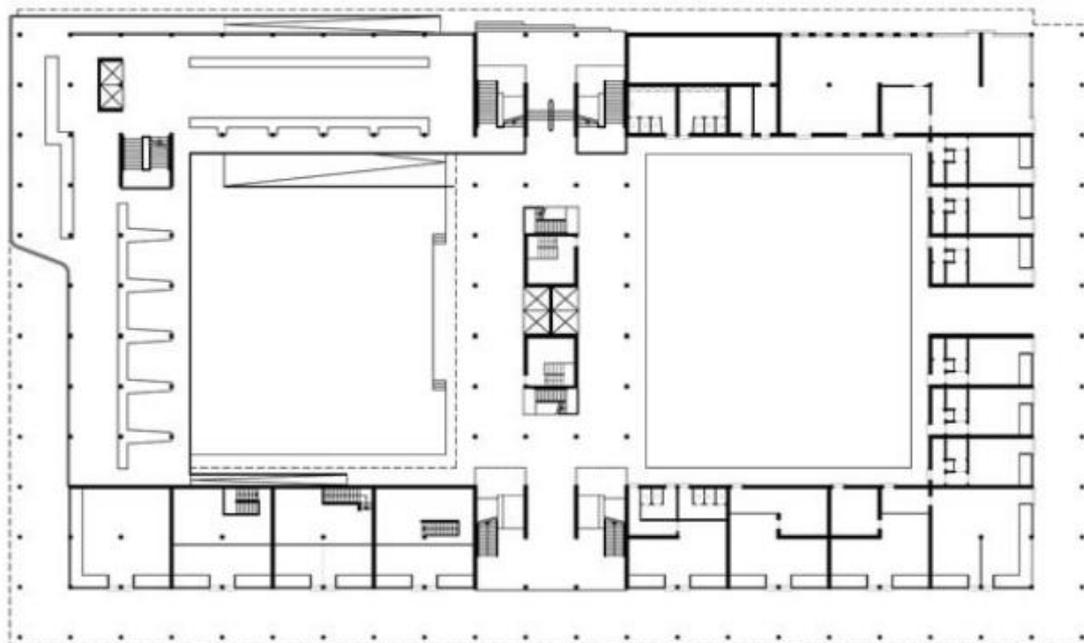
⁴⁸ Costa, “Luanda plano para a cidade satélite Nº3.

Figura 78- Planta do Piso térreo do Mercado Kinaxixe



Fonte: Arquiteto Macaia (2007)

Figura 79- Planta do Piso intermediário



Fonte: Arquiteto Macaia (2007)

Quanto a sua forma organizacional e setorização, o bloco se orientava por meio de dois grandes eixos internos que eram duas praças internas com diferentes níveis de circulação, de acordo as condições topográficas que os terrenos apresentavam.

Sua comunicação de dava por meio de um volume onde funcionava o núcleo rígido das escadas, os elevadores, por meio dos quais se acessava o compartimento onde funcionavam os almoxarifados e os depósitos, até a parte da cobertura. Nestes blocos estavam instalados também os banheiros, áreas de serviço, assim como no piso superior.

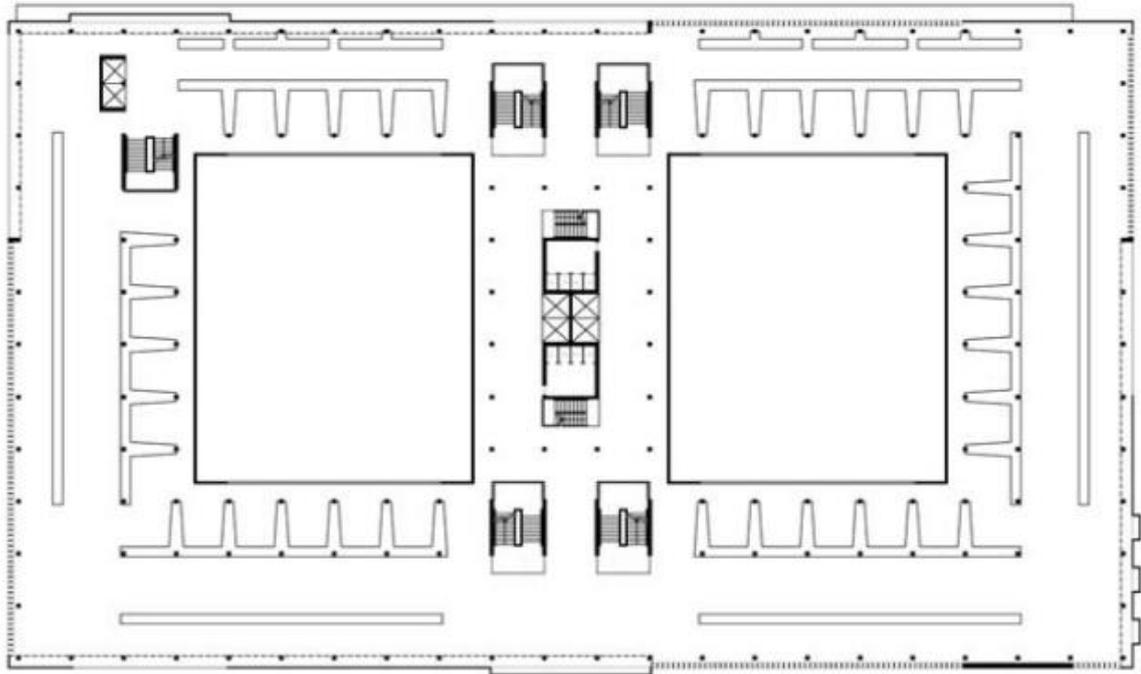
A lâmina central é onde funcionava as principais portas ou vãos que dão acesso ao mercado para pedestres no piso térreo nas laterais Sul e Norte. As cargas e descargas de mercadorias davam-se através das ruas situadas nas laterais do prédio, sendo duas portas pelo lado direito e duas pela fachada Leste.

O primeiro pavimento possuía duas lojas que se comunicavam diretamente com a rua, ou seja, obedecendo aos critérios da fachada ativa, e este recuado em relação da fachada com volume suspenso, permitindo a continuidade da circulação dos pedestres sobre a calçada, sem serem afetados pelo sombreamento do edifício.

Por conta, dos desníveis que o local apresentava, foi necessário que se criasse o conceito de pé direito duplo de forma a vencer ou atingir os outros níveis por meio de um piso intermediário que também funcionava em forma de galeria e pequenos espaços para exposição que se beneficiavam da vista da praia da ilha de Luanda.

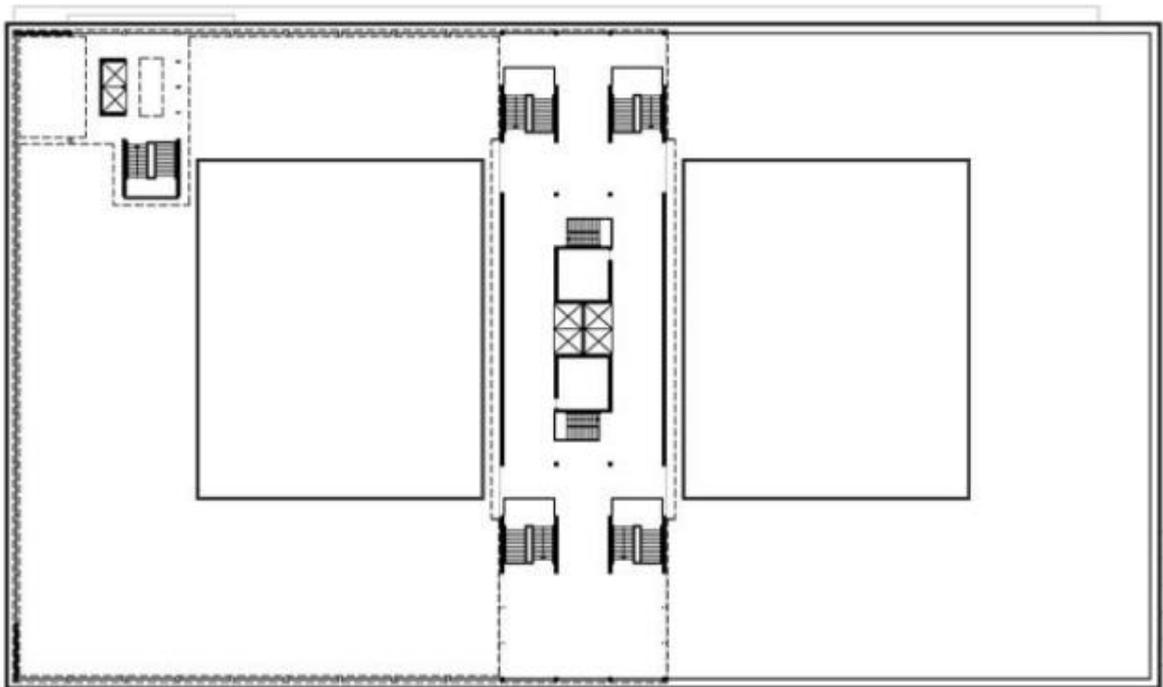
O bloco suspenso é onde funcionava o mercado. Seu interior era composto por galerias com pé-direito extremamente alto (seis metros de altura), cuja circulação estava atrelada pela disposição em que os comerciantes fixavam os boxes para atividades comerciais.

Figura 80- Piso do Mercado com galerias



Fonte: Arquiteto Macaia (2007)

Figura 81- Piso de Cobertura



Fonte: Arquiteto Macaia (2007)

Figura 82 -Piso Térreo com galerias



Fonte: Afonso (2007)

Figura 83 -Vista geral do antigo mercado



Fonte: Afonso (2007)

A composição das fachadas externas seguia os parâmetros e princípios estabelecidos na arquitetura moderna, a fachada livre. O revestimento das paredes externas era totalmente de *brise-soleils*, com formato de uma grelha tipo lâmina verticais, através das quais se garantia uma boa ventilação no interior do mercado, bem como permita observar, através das janelas, o crescimento urbano que a cidade foi desenvolvendo ao seu entorno. Esses brises tinham também como função impedir a incidência direta de raios solares no interior, que poderia afetar os produtos dos comerciantes.

No último pavimento era permitido acesso à cobertura habitada, onde se encontrava uma estrutura de concreto de pérgulas, que conectava ao enorme terraço. No setor norte da estrutura, localizava-se um enorme elemento vertical cujo estilo é influenciado pela linguagem modernista e sua principal função era estabelecer um acesso secundário a esse local. Esses elementos procuravam expressar a identidade arquitetônica do mercado como uma obra ou projeto do Movimento Moderno. A expressão da arquitetura moderna se concentra pela sua simplicidade, sua leveza e estética que um espaço pode proporcionar, por meio de concepção de estruturas monumentais que permitem ao usuário observar a beleza arquitetônica sem interferência de obstáculos físicos. O mercado Kinaxixi, tem essas características incorporadas através da sua circulação horizontal e os brises verticais projetados na fachada.

A linguagem inserida nas fachadas, foi a de fachada livre, sem a necessidade de deixá-la poluída, incorporando quebra-sol de lâmina verticais, que mantem uma certa harmonia e movimento no visual. O arquiteto Vasco Vieira da Costa, numa tentativa de quebrar essa monotonia, procurou modificar os vãos das grelhas, com introdução de rasgos e de peças de caixas de concreto colorido, que eram usados como galinheiro para atender aos comerciantes locais.

O sistema construtivo adotado era sustentado por um conjunto de pilares alinhados, obedecendo a um afastamento de cinco metros entre de si, acompanhando o perímetro do bloco suspenso, com um recuo em relação a alvenaria. Mais uma vez vê-se aqui, o uso de pontos da arquitetura moderna proposto pelo Le Corbusier, o que facilitou ao arquiteto Vasco Vieira da Costa a fazer o uso de diversas tipologias com

diferentes metragens, sem a devida interferência na planta. A Iluminação artificial utilizada no mercado acompanha a dinâmica e a regularidade dos pilares que constituíam o edifício.

2.7 TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E O PROCESSO DE ILUMINAÇÃO

Por ser um dos países situados entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio, o território Angolano é visivelmente atingido por raios solares de intensa luminosidade, considerando sua proximidade com a linha do Equador, classificado como uma das áreas mais quentes do planeta.

Uma questão que precisa ser levada em consideração sobre estes países, é a posição geográfica contemplada pela trajetória solar, que ilumina tanto o setor Norte assim como o setor Sul, durante os períodos dos doze meses do ano.

Portanto, em meados do ano, época na qual o Hemisfério Sul se aproxima do inverno, a cidade de Luanda é tomada de sol, ficando os seus bairros expostos à iluminação causada pela radiação solar que atinge a capital do país.

Portanto, em meados do ano, época ou tempo em que o Hemisfério Sul se aproxima do inverno, a cidade de Luanda é tomada de sol, ficando os seus bairros iluminados pela radiação solar que atinge a capital do país. De tal maneira que, durante o décimo segundo mês do ano, no mesmo momento em que o Hemisfério se depara com e vive dias de glória com o Verão, é a vez do sol aparece a Sul.

Sendo assim, Vasco Vieira da Costa teve que contemplar toda essa diversidade das variações térmicas que afetam a cidade de Luanda, e pôr em prática o conhecimento adquirido durante a formação em arquitetura, para solucionar o problema de ventilação, durante a elaboração do projeto do Mercado de Kinaxixe. Sua solução para resolver o problema de ventilação no interior do mercado foi através de *brise-soleils*, materiais extremamente vantajosos pelo seu aspecto funcional.

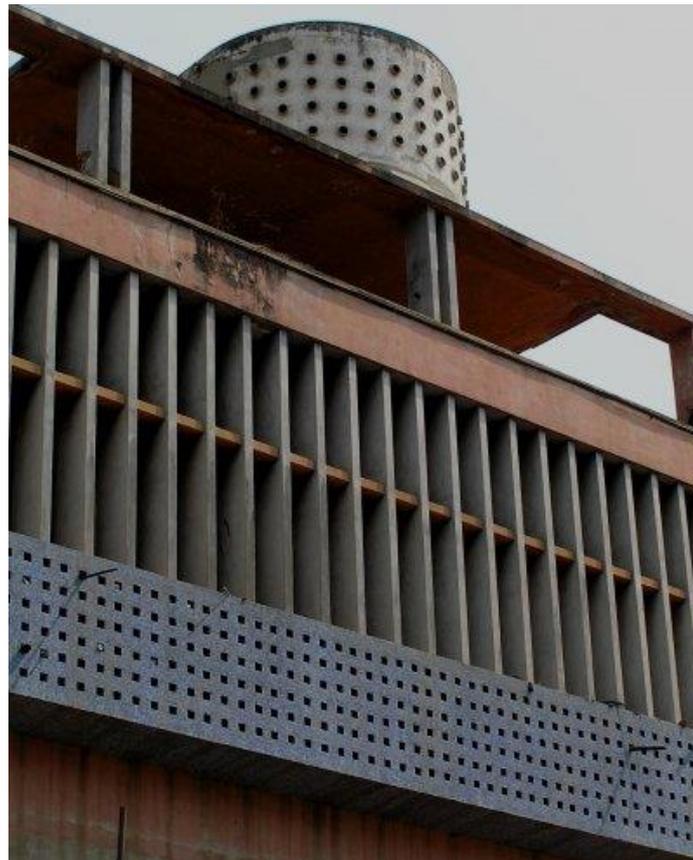
O uso de elementos laminados na posição vertical no edifício permitiu reduzir a incidência solar e permitiu o sombreamento nas zonas de trabalho, bem como nos amplos espaços de circulação, produzindo assim melhor resultado de conforto no

edifício. Essa solução é bastante usual sobretudo nos projetos de grande porte, tais como edifícios multifuncionais que na sua maioria são constituídos por salas comerciais e grande hall de entrada.

A figura 84, conforme se pode observar abaixo, ilustra o posicionamento vertical dos brise-soleils, tendo o espaçamento horizontal com menor distanciamento entre eles, dificultando deste modo o efeito da radiação solar nos espaços interiores do mercado, conforme foi abordado no parágrafo anterior.

Nos projetos de arquitetura moderna, é bastante comum a proposição do uso dessas técnicas para solucionar os problemas de iluminação, em regiões onde a temperatura é bastante alta, assim como em áreas onde a temperatura é fresca. Tanto no primeiro caso como no segundo, esses elementos podem ser incorporados para composição estética de uma fachada, quer ela seja monumental ou residencial.

Figura 84 -Brisés do Mercado



Fonte: António (2002)

A figura 85, conforme se pode observar abaixo, mostra uma solução de brises diferente das que foram usadas pelo arquiteto Vasco Vieira da Costa no projeto do mercado, da figura 84, vemos uma estrutura totalmente metálica, composta por vigas e pilares metálicos em formato I, deslocada da parede principal, criando um hall ou passagem de manutenção das telas perfuradas.

Pode se notar que a estrutura ou a parede ao lado esquerdo é composta por aberturas maiores, ou seja, janelas com esquadria em vidro. O uso da tela perfurada que se observa do lado direito tem a função de reduzir a intensidade dos raios solares nos ambientes.

Nota-se que esse espaçamento interno tem também a funcionalidade de quebra solar, ou seja, ambas as soluções têm os mesmos objetivos, proteger os espaços internos, assim como os materiais e os usuários das intempéries externas causadas pelo sol.

Figura 85 – Painel perfurado



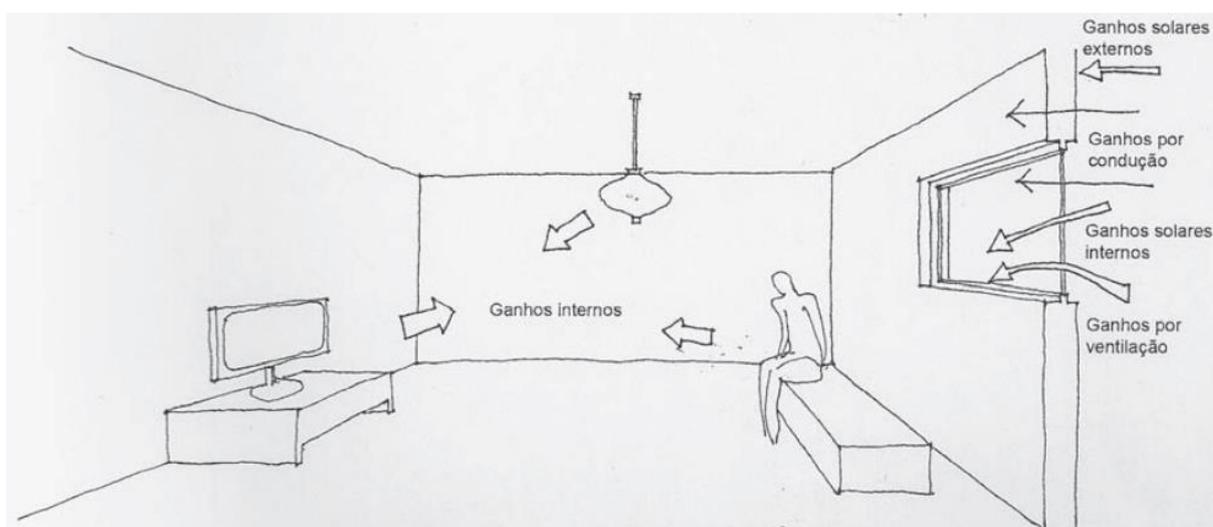
Fonte: Beatriz (2022)

O arquiteto era extremamente atencioso quanto aos fatores de iluminação associados ao calor, em quase todos os edifícios que projetava, visto que o sol constitui como uma das fontes de calor, por isso que antes da idealização de um projeto era fundamental que observasse o problema dos ganhos de calor do mercado e o sentido de orientação da brisa da capital de Angola.

Pode-se classificar os rendimentos de calor como rendimentos solares externos (provenientes da transmissão do calor para as superfícies externas da obra, sendo depois conduzidos para a parte interna da obra); e rendimentos solares internos (a radiação solar passa pelos elementos vazados que se encontram no edifício tendo incidência direta no interior). Seus cálculos eram feitos considerando a base dos níveis de insolação da vista do mercado, que dependiam da orientação que o projeto tomava ao longo do período da implementação.

Os efeitos da ação do sol, não podem ser desprezados, pois torna-se necessário tolerar os diferentes tipos de rendimentos térmicos, ao longo da trajetória de elaboração de um projeto em climas quentes, como se pode notar na figura 86 abaixo.

Figura 86 - Ambiente dom diferentes tipos de rendimento solar.



Fonte: Beatriz (2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já proclamado ao longo da análise feita no projeto de pesquisa e no percurso do processo da escrita da dissertação, o fim da Segunda Guerra Mundial foi um período de relevante revolução nas grandes indústrias, particularmente no campo da construção civil que se viu diante do desafio de recuperar as grandes destruições ocasionadas pela guerra nos centros das grandes cidades Europeias.

Pode-se afirmar ainda, que esse período é notabilizado por ocorrerem várias transformações arquitetônicas, que deram lugar a novos estilos e movimentos que ditaram os novos rumos para as construções das cidades, sejam para habitação, instituições, bem como, para variados usos dos espaços públicos.

Portanto, percebemos que as ideias do arquiteto Vasco Vieira da Costa foram de extrema relevância para que o movimento da arquitetura moderna tivesse espaço em Angola. Sua postura firme ao rejeitar certas mudanças impostas pelo regime Salazarista, quando este foi convidado para criar o curso de arquitetura na universidade de Angola, demonstra a sua capacidade intelectual e seu vasto repertório embasado nos ensinamentos adquiridos durante o estágio no estúdio do arquiteto Le Corbusier na França.

O desejo de criar uma identidade única no programa proposto para criação do curso de arquitetura na universidade de Angola era autêntico e repleto de ambições e vontade de fazer algo diferente do que estava sendo implantado nas províncias ultramar.

Finalmente, concluímos que parte dos aspectos que traduzem os primeiros passos do movimento da arquitetura moderna em Angola, estão presentes no projeto do Mercado de Kinaxixi, arquitetado por Vieira. Neste projeto, o arquiteto faz o uso dos seus conhecimentos, para traduzir a língua da arquitetura moderna em projeto físico, com o uso de vários tipos de materiais, bem como, sendo criativo na incorporação de brises como solução para reduzir a inserção solar nos ambientes internos do mercado. Os brises tinham também a função de proporcionar uma maior qualidade de temperatura nos edifícios.

As soluções técnicas desenvolvidas durante a construção do Mercado, influenciaram de certa forma outros projetos que estavam emergindo na cidade de Luanda, obras estas que eram executadas por outros arquitetos, acabando desta forma a se destacar no meio daqueles profissionais que tinham uma formação mais tradicional e conservadora, comparada a do Vieira. Estes últimos vão prosseguir com a difusão da arquitetura moderna.

BIBLIOGRAFIA

- Alfonso-Goldfarb, Ana M. "Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência". *Circumscribere* 4, (2008).
- _____. "Como se daria a construção de áreas interface do saber?". *Kairós* 6 (2003): 55-66
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria & Márcia H. M. Ferraz. "Raízes Históricas da difícil Equação Institucional da Ciência no Brasil. *São Paulo em Perspectiva* 16, nº 3 (2002): 3-14.
- Alfonso-Goldfarb, Ana M., Márcia H. M. Ferraz, Maria H. R. Beltran, & Paulo A. Porto. *Percursos de História da Química*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.
- _____. A historiografia contemporânea e as ciências da matéria: uma longa rota cheia de percalços. In *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*, orgs. Ana Maria Alfonso-Goldfarb; Maria Helena Roxo Beltran. São Paulo: Educ/Fapesp/Livraria da Física, 2004, 49-73.
- Almeida, Ludmila Mara de Palma Manuel. "Sistema de ventilação e Iluminação Natural na obra de Vasco Vieira da Costa." Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Universidade Lusíada de Lisboa, 2017.
- Alves, João Alex. "Rino Levi e o estabelecimento da arquitetura moderna no Brasil." Dissertação de mestrado em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- Amaral, Ilídio. "Contribuição para o conhecimento do fenômeno de urbanização em Angola". *Finisterra* 13, nº 25 (2012).
- _____. "A importância do setor informal na economia urbana em países da África Subsariana". *Finisterra* 40, (2012).
- _____. "Construindo a História de Angola: A importância da utilização cruzada de fontes: reflexões de um geógrafo." Ministério da Ciência e do Ensino Superior, Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia, Instituto de Investigação Científica tropical.
- _____. Luanda, Estudo de Geografia Urbana. Lisboa: Finisterra, sd.
- Andreotti, Maria Beatriz. "História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares". *Oculum*, nº11, (2014): 3-89.
- Anelli, Renato. *Rino Leve: Arquitetura e Cidades*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.
- Bastos, José. *Do Cinema Roma ao Fórum Lisboa, Breve História de um Espaço de Cidadania*. Lisboa: Divisão de Imprensa Municipal, 2007.

- Batalha, Fernando. *Angola, Arquitetura e História*. Lisboa: Vegas, 2006.
- Beltran, Maria H. R., Fumikazu Saito & Lais dos S. P. Andrade., orgs. *História da Ciência: tópicos atuais*. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- _____. "História da ciência e história do livro: O papel da imagem como registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade". *Circumscribere* 15, (2015). Acessado em 30 de abril de 2022.
- Benevolo, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- Bruand, Yves. *A Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- Carvalho, Nuno Fernandes de. "As casas fabricantes de papel-moeda contratadas pelo Banco Nacional Ultramarino". Gabinete de Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos.
- Correia, Maria Alice Vaz de Almeida. "O Patrimônio Do Movimento Moderno Em Luanda (1950-1975)." Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2012.
- Costa, "Vasco Viera da Costa, Arquiteto Angolano (1911-1982)" In Prefacio de *Luanda plano para cidade Satélite Nº 3: Concurso para obtenção do diploma de arquiteto (1948)*. Porto: ESBAP e DAFEUA, 1948.
- Fernandes, José Manuel. *Geração Africana: Arquitetura e cidades em Angola e Moçambique 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte, 2020.
- Fernandes, Maria das Mercês Simões Dias Bobone. "Luanda No Estado Novo-Planos Urbanos (De 1941-1952)." Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2021.
- Fernandes, Maria. "Técnicas de construção em terra. Terra: forma de construir. Arquitetura-Antropologia-Arqueologia". *Argumentum*, (2006).
- Figueira, A. F. Temtem. "O caráter vernacular na construção com terra no panorama contemporâneo". Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, com a especialização em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016.
- Lage, Johan & Ana Tostões (ed.). "Modern Architecture in Africa: Angola and Mozambique". *ABE Journal*, nº 7 (2015).
- Lains, Pedro. "Causas do colonialismo português em África, 1822-1975". *Análise Social* 33, (1998): 463-496.
- Lopes, Fanny. "Cenografia e paisagem urbana: um estudo de caso na cidade de São Paulo". In *Anais do Encontro de História da Artes*. Campinas, 2009.

- Luanda, (Angola). *Museu de Angola: Coleção etnográfica*. Luanda: Museu de Angola, 1955.
- Magalhães, Ana. "Le Corbusier's Legacy in the Tropics: Modern Architecture in Angola and Mozambique (1950-1970)." *Le Corbusier*, (2016): 1253-64.
- Magalhães, Ana Isabel. "Migrações do moderno: arquitetura na diáspora: Angola e Moçambique (1948-1975)". Tese de doutorado em arquitetura, Universidade Lusitana de Lisboa, 2015.
- Marat-Mendes, Teresa & Mafalda Sampaio. "The Plano De Urbanização Da Cidade De Luanda by Étienne De Groër and David Moreira Da Silva (1941-1943)." *Urban Planning in Lusophone African Countries*, (2015): 57-77.
- Mattoso, José. *África Mar Vermelho Golfo Pérsico/ Patrimônio de Origem Portuguesa No Mundo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- Mendes, Maria Alice Vaz de Almeida. "Transformações Urbanísticas Em Angola–Luanda 1950/1975." *Africana Studia*, nº 30 (2020).
- Mendonça, Jocelma Janice Martins. "Sistemas De Ventilação E De Iluminação Natural Na Arquitetura Modernista Tropical Em Angola Nas Décadas De 50 a 70 Do Século XX: Três Casos De Estudo." Dissertação de mestrado integrado em arquitetura, Universidade Lusitana de Lisboa 2021.
- Milheiro, Ana Vaz, & Jorge Nunes. "Le Corbusier E Os Portugueses." *Crítica*, (2008).
- Mourão, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e discontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. São Paulo: Terceira Margem. 2006.
- Mumford, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Editora Martins Fontes (3ªed), 1991.
- Oliveir, Paul. *Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture*. Oxford: Architectural Press, 2010.
- Oliveira, Eduardo. *Cosmovisão africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: Ibeca, 2003.
- Parker, Barry. *The art of building a home.: A collection of lectures and illustrations by Barry Parker and Raymond Unwin*. Londres : Longmans, Green & co. (2ª ed.), 1901
- Pereira, V. M. T. Borges. "A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas". In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.

- Quintão, Margarida. "Tropical Building Research: the Angolan Case. Tropical Architecture in the Modern Diaspora". *Docomomo* 63, (2020): 18-25.
- _____. "Vasco Veira da Costa 1911-1982" In *Arquitetura Pintura Escultura Desenho, Patrimônio da Escola Superior de Belas Artes do Porto e Da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*. Porto: Editora da Universidade do Porto, 1987
- Ramos, M. E. Rocha. "Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos. Um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)". Tese de Doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFBA, 2013.
- Rodrigues, Francisco Castro & Eduarda Dionísio (org.). *Um Cesto de Cereja*. Lisboa: Editora da Casa de Achada-Centro Mario Dionisio, 2009
- Rodrigues, Inês Lima. "A Casa Transoceânica: A Forma Da Residência Moderna Portuguesa E a Sua Influência Nos Territórios Brasileiro E Africano." *Docomomo*, (2011).
- Salvador, Cristina & Udelsmann Cristina Rodrigues. "Colonial Architecture in Angola: Past Functions and Recent Appropriations" In *Colonial Architecture and Urbanism in Africa: Intertwined and Contested Histories*. Londres: Routledge, 2016.
- Santos, André; Maria João Ferreira; Maria Negrão; Mariana Catarino & Rosa Bandeirina. "Maria Carlota Quintanilha : uma arquiteta portuguesa na África moderna." *Joelho: Revista de Cultura Arquitetónica*, (2010).
- Silva, Carlos Nunes. *Urban Planning in Lusophone African Countries*. Londres: Routledge, 2015.
- Teixeira, Manuel C. *O urbanismo português: Séculos XIII-XVIII: Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- Tostões, Ana. "Visões Cruzadas: Um Laboratório De Arquitetura Entre Global E Local." *ESTUDO PRÉVIO-Revista do Centro de Estudos de Arquitectura* 9, (2016).
- _____. "How to Love Modern [Post-]Colonial Architecture: Rethinking Memory in Angola and Mozambique Cities." *Architectural Theory Review* 21, nº 2 (2016): 196-217.
- _____. "Modernidade Africana. É preciso vir ao fim do mundo para descobrir as coisas mais atuais e extraordinárias". *AUS (Arquitetura/Urbanismo/Sustentabilidade)*, nº 17 (2015): 4-10.
- _____. "Transcontinental Modernism: How to Find the Shortcut." *Docomomo*, nº 48 (2013): 30-33.

_____. “Entre Cáncer Y Capricornio: Un Laboratorio De Arquitectura: Vivienda En África Subsahariana: Los Casos De Angola Y Mozambique.” *Visions*, nº 10 (2012): 36-43.

_____. “Arquitectura Portuguesa: os Três Modos”. In *Arquitectura Moderna Portuguesa*. Lisboa: IPPAR, 2004.